

Aumento de 100%, do Salário Mínimo é Exigência Que Não Pode Ser Adiada

Texto na 7.ª página

nacionalismo democracia socialismo

NOVOS RUMOS

Eleição de Riani na CNTI: Vitória Dos Trabalhadores e de Todo o Nosso Povo

O grupo de pelegos da ORIT, dirigido pelo repelente Crockatt de Sá, sofreu esmagadora derrota nas eleições da CNTI. Os dirigentes sindicais repeliram suas manobras divisionistas e suas vergonhosas tentativas de corrupção. A eleição da chapa

encabeçada pelo líder sindical Clodsmidt Riani representou uma grandiosa vitória não apenas dos trabalhadores, mas de todo o nosso povo (Leia editorial na 3.ª e reportagem na 7.ª página).

ANO V — Rio de Janeiro, 10 a 16 de janeiro de 1964 — Nº 253

Brizola Falará Amanhã, Dia 10, na ABI: Cuba

O deputado Leonel Brizola será um dos oradores do grande ato público de solidariedade a Cuba que será realizado sexta-feira, dia 10, às 18 horas, no Auditório da Associação Brasileira de Imprensa. Entre outros oradores, falará também o ex-deputado federal Carlos Marighella.

O ato, convocado por numerosas personalidades, entre as quais os deputados Leonel Brizola, Sérgio Magalhães, Fernando Santana, Marco Antônio Coelho, Neiva Moreira e Max da Costa Santos, tem por finalidade afirmar a posição do povo brasileiro diante da Revolução chefiada por Fidel Castro, qual seja, a de não permitir que

nosso Governo altere sua política externa de defesa da autodeterminação dos povos e não-interferência nos assuntos internos dos outros países. Servirá também para, mais uma vez, mostrar aos imperialistas lanques que o povo brasileiro se coloca em posição frontal às tentativas de invasão e outras medidas de repressão contra a ilha.

O ato da ABI conta com o apoio de numerosas organizações de massas, entre as quais destacamos a União Nacional dos Estudantes, o Instituto Cultural Brasileiro, a Liga Feminina de Guanabara e o Sindicato dos Trabalhadores Telegráficos.

120 Mil Marítimos e 15 Mil Securitários: Greve Por Aumento e 13%

Marítimos e securitários marcaram os primeiros movimentos grevistas do ano. Os primeiros, depois de três dias de greve, voltaram vitoriosos ao trabalho na quarta-feira, dia 8, com o compromisso do Governo de pagar em duas parcelas a gratificação equivalente ao 13.º mês de salário. A vitória, que será estendida aos inativos e aos funcionários do bloco, foi conseguida pela ação unida de duas Federações de Trabalhadores que souberam sustentar a greve e conduzir os entendimentos com habilidade. A greve dos maríti-

mos contou com o apoio do PUA e de outras organizações sindicais.

Por outro lado, os securitários, que iniciaram seu movimento na manhã de quarta-feira, continuavam em greve até o momento de encerrarmos esta edição, em face da intransigência patronal.

Nas fotos, o líder sindical Oswaldo Pacheco quando dirigia a palavra à assembléia dos marítimos, e um aspecto parcial da grande massa de securitários reunidos no Automóvel Clube.

Leia reportagens completas sobre esses movimentos na 8.ª página.

Sob Ameaça de Revogação a Lei de Remessa de Lucros

Notícias publicadas esta semana indicam que se acha sob ameaça de revogação a lei de remessa de lucros aprovada pelo Congresso. Sob pretexto da regulamentação, uma equipe chefiada pelo testa-de-ferro

Jorge Serpa, está tratando de suprimir os aspectos mais significativos da lei, transformando-a em documento inócuo, inteiramente à feição dos interesses do capital estrangeiro no Brasil. (Leia na 3.ª pag.)

Homenagem a Olympio Melo

O líder sindical Olympio Fernandes Melo, recentemente nomeado Ministro do Tribunal Superior do Trabalho, será homenageado com um almoço sábado, dia 11, às 13 horas na Churrascaria Gaúcha, por iniciativa da CONTEC — Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Empresas de Crédito. O acontecimento é altamente significativo para os trabalhadores e o movimento sindical, que assim têm oportunidade de homenagear um seu representante investido

de importante função naquele Tribunal. Grande número de pessoas tem adquirido convites para participar do almoço.

Os interessados podem procurar convites na sede da CONTEC, Av. Presidente Vargas, 529, 16.º andar, tel.: 23-5591; Sindicato dos Bancários, Av. Presidente Vargas, 502, 22.º andar, tel.: 43-9200; Sindicato dos Securitários, rua Alvaro Alvim, 41, 22.º andar, tel.: 32-1641; Associação Brasileira de Imprensa, com o sr. Walter, no 7.º andar, e na Livraria São José, rua São José, 38.

Reclamar Falta D'água dá Cadeia: Lacerda

Texto na 7.ª página



Posse CNTI: Sábado Nos Metalúrgicos

Sábado próximo, dia 11, à noite, no Sindicato dos Metalúrgicos, tomará posse a nova Diretoria da CNTI — Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria.

Entrevista de Prestes

Durante duas horas e meia Luis Carlos Prestes respondeu, sexta-feira última, a dezenas de perguntas no programa "Pinga-Fogo" da Televisão Tupi, de São Paulo, oportunidade em que abordou grande número de problemas dos mais candentes da situação nacional e internacional. A iniciativa da Televisão Tupi teve a mais ampla repercussão não tanto na Capital quanto em Santos, Sorocaba, Campinas, Ribeirão Preto, Bauru e inúmeras outras localidades de São Paulo. Mesmo em Curitiba o programa foi acompanhado por milhares de pessoas. Foi enorme a repercussão das palavras de Luis Carlos Prestes, em particular pela maneira objetiva e concreta com que apresentou a posição dos comunistas diante de questões como a sucessão presidencial, as reformas de base, os erros cometidos no passado pelo movimento comunista brasileiro e as perspectivas revolucionárias em nosso país. Na próxima edição publicaremos o texto desse importante debate.

A URSS e a Luta de Libertação Nacional

Com esta edição circula um tabloide especial com 8 páginas, contendo a entrevista concedida por N.S. Kruschiov a jornalistas de Ghana, da Argélia e da Birmânia, abordando importantes questões da luta de libertação nacional. O tabloide não pode ser vendido separadamente.

Festa em Homenagem a Prestes Será Dia 12

A festa de homenagem à Luis Carlos Prestes, por motivo da passagem de seu 66.º aniversário, será realizada no dia 12 próximo, domingo, em Parada Angélica (Raiz da Serra), já que o mau tempo impediu sua realização no dia 5 passado. Os convites já comprados para a festa do dia 5, os quais no entanto, não dão direito a transporte. As passagens devem ser adquiridas no local de embarque, na Praça do Pacificador, em Caxias.

Sentido Revolucionário da Luta Pelas Reformas

Artigo de GIOCONDO DIAS na 3.ª página

Previdenciários Ameaçam Greve

Vinhos Mônico: Com 4 Dias de Greve 13º Foi Pago

OS POSTOS DA LATA D'ÁGUA NA CABEÇA

João Massena Neto

Arrumadores Inauguram Hospital

Os arrumadores do porto do Rio de Janeiro inauguram, no próximo dia 20, o moderno Hospital dos Arrumadores, localizado à Rua Leônidas Cardoso, 315.

O Presidente da República e o Ministro do Trabalho comparecerão ao ato de inauguração como convidados especiais do sindicato.

Light Intransigente

Os trabalhadores do Grupo Light continuam lutando com firmeza pela conquista do aumento salarial na base de 100% a partir de 1º de janeiro, enquanto os diretores da empresa continuam se recusando a assinar, no momento, o acordo concedendo as melhorias reivindicadas pelos operários.

Durante as últimas mesas-redondas levadas a efeito, no D.N.T., os representantes dos empregadores não fizeram outra coisa senão negar-se a assinar um acordo antes de abril.

Esta é, em síntese, a proposta dos trabalhadores: — aumento salarial de 100%, a partir de 1º de janeiro; gratificação quinzenal de Cr\$ 5.000,00; salário-família de Cr\$ 4.000,00 por dependente e pagamento em dobro no período de férias; contribuição compulsória de 20% do primeiro pagamento para o Sindicato.

Morena denuncia manobras

O conselheiro do I.A.P.I. Roberto Morena, representante dos trabalhadores, denunciou as manobras dos representantes patronais, manobras com alguns representantes do Governo, visando a derrota do ex-presidente do Conselho, Marcondes Machado, o qual realizou, em sua gestão, administração honesta e eficiente.

Hoteleiros em festa

Foi comemorado festivamente pelos hoteleiros a passagem do 42º aniversário do Sindicato dos empregados em Estabelecimentos de Comércio Hoteleiro, sábado último.

Os trabalhadores começaram a comemorar a data a partir das 7,30 horas, realizando uma corrida rústica, em que concorreram 102 hoteleiros, saindo vencedor José Fernandes, da Churrascaria Campanosa. A comemoração teve seu ato principal com a realização de concorrido baile de confraternização dos associados.

Por outro lado, é motivo de grande alegria no meio hoteleiro a publicação, no Diário Oficial, da regulamentação da Escola Profissional, que em breve será instalada.

Metalúrgicos e mecânicos

O Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Metalúrgicas e Mecânicas da Guanabara programou para o dia 24 próximo uma assembleia-geral da categoria. A assembleia tratará do problema salarial, pois o acordo vigente, assinado em agosto de 63, determina um reajustamento salarial na base da elevação do custo de vida correspondente aos seis meses imediatos.

DNT encaminha pedido

O Departamento Nacional do Trabalho encaminhou o pedido de instauração de dissídio entre os trabalhadores e empregadores da indústria de alfaiataria.

Os alfaiates estão se mobilizando para a batalha dos 130% no T.R.T.

Eleições

Entre Secundaristas

Foi eleita e empossada a nova diretoria da União Montenegro de Estudantes Secundários — filiada à União Gaúcha dos Estudantes Secundários — para o período de 1963/1964. A chapa vencedora é presidida pelo estudante Ari Scholz, ocupando a Secretaria Geral Juarez Mantovani.

ABDALLA MULTADO: 15 MILHÕES PARA SEUS EMPREGADOS

228 trabalhadores da Uti-na Miranda, do grupo Abdalla (São Paulo), receberam 15 milhões de cruzeiros, resultantes de multa por atrasos de pagamentos. Tal decisão foi tomada pelo juiz de Direito da comarca de Pirajui, Getúlio Correia das Neves. A multa é consequência de um acordo feito há mais de 2 anos entre o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Alimentação de Pirajui e a empresa. O patrão, quando assinou o referido acordo (5% de multa por dia de atraso no pagamento), o fez forçado por uma greve que na ocasião havia sido deflagrada para obrigá-lo a pagar em dia.

Engôdo Patronal

Na longa sentença, o juiz, depois de várias considerações, afirma que a empresa, vendo os seus empregados em greve, ao aceitar a referida multa, "se serviu desse engôdo — é o termo exato — para promover sua volta ao trabalho. Diz-se efetivamente engôdo, porque a reclamada não tinha, como jamais teve, a intenção de cumprir os vários acordos firmados, tampouco que após a consignação feita em Juízo, escusou-se de pagar a multa".

Os previdenciários, prosseguindo sua luta pelo 130% de salário, já agora tendo de enfrentar a dura oposição do ministro do Trabalho, sr. Amauri Silva, poderão ir à greve pela conquista da sua justa reivindicação.

Transcrevemos abaixo o manifesto lançado pelo Comando dos Previdenciários: "O Comando dos Previdenciários, em reunião realizada na presente data, em prosseguimento à luta pelo 130% de salário, resolveu:

1. — Manifestar seu enérgico repúdio às ameaças feitas pelo Ministro do Trabalho, Senador Amauri Silva, à classe dos servidores da previdência social por motivo de sua luta legal pela justa reivindicação do 130% de salário, conforme notícia publicada no "Jornal do Brasil" desta data, ameaça somente compreensível em nações dominadas pela tirania fascista e não em países que vivem em regime democrático, como felizmente, a nossa Pátria;

2. — Manifestar igual repúdio à ameaça de fechamento da União dos Previdenciários do Brasil, organização de classe registra-

da legalmente, que congrega servidores de todos os IAPs em âmbito nacional, o que só seria possível com um golpe de Estado de cujos preparativos não pode o Comando dos Previdenciários afirmar esteja participando o Ministro Amauri Silva;

3. — Confirmar sua decisão de fazer uso da delegação de poderes da classe para a decretação da greve, no momento oportuno;

4. — Manter a convocação dos delegados e piquetes de greve para 2ª feira, dia 6, no local já anteriormente comunicado;

5. — Determinar que os companheiros servidores de todos os IAPs, na Guanabara e em todo o país, se mantenham alertas às instruções deste Comando;

6. — Expressar sua integral solidariedade aos trabalhadores marítimos, pela decretação da greve em prol do recebimento do 130% de salário, assegurando aqueles denodados companheiros que os previdenciários não fugirão aos compromissos assumidos.

Rio de Janeiro, 4 de janeiro de 1964.

O COMANDO DOS PREVIDENCIÁRIOS."

NR Agradece

Boas Festas

NOVOS RUMOS recebeu e retribuiu os votos de Boas Festas e Feliz Ano Novo das seguintes pessoas e entidades: Federação dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do Mobiliário do Estado do Paraná; José Lima da Silva; Nilton Miranda e família; Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Calçados de São Paulo; Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Papel, Papelão, Cortiça do Estado da Guanabara; Maison Internationale des Journalistes; dr. Rodolfo Renaux Bauer; União Montenegro de Estudantes Secundários; Jorge Miglioli; Comitê Soviético de Defesa da Paz; Pedro Mota Lima; Maria Araújo; Distribuidora de Publicações Souza S. A.; Federação dos Sindicatos da Alemanha Democrática; Rádio Pequim; Frente Unica Feminina de São Paulo; "Novidades de Moscou"; "Crítica Marxista"; Comitê Central do Partido Comunista de Israel; Jorge Ramirez; Petrobrás.

Marco Antônio Apresenta Projeto em Benefício do Funcionalismo Federal

O deputado Marco Antônio Coelho apresentou em dezembro projeto de lei alterando o artigo 116 do Estatuto dos Funcionários Públicos Civis da União. Publicamos abaixo a íntegra do projeto:

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º — O artigo 116 da Lei nº 1.711, de 28 de outubro de 1952 passa a ter a seguinte redação: "Art. 116 — Após cada decênio de efetivo exercício, ao funcionário que a requerer, conceder-se-á licença especial de 6 (seis) meses com todos os direitos e vantagens do seu cargo efetivo.

§ 1º — O funcionário que se aposentar após 30 (trinta) anos de efetivo exercício, sem que tenha gozado a licença especial relativa ao terceiro decênio, receberá em dobro os proventos relativos aos 6 (seis) primeiros meses da aposentadoria.

§ 2º — Não se concederá licença especial se houver o funcionário em cada decênio:

- I — sofrido pena de suspensão;
II — gozado licença:
a) — para tratamento de saúde por prazo superior a 6 (seis) meses ou 180 (cento e oitenta) dias consecutivos ou não;
b) — por motivo de doença em pessoa da família, por mais de 4 (quatro) meses ou 120 (cento e vinte) dias;
c) — para o trato de interesses particulares;
d) — por motivo de afastamento do cônjuge, quando o funcionário ou militar, por mais de 3 (três) meses ou 90 (noventa) dias."

Justificativa

A proposição que temos a honra de encaminhar à consideração desta Casa objetiva atender a uma justa reivindicação de milhares de servidores públicos. Reduzindo-se a aposentadoria para trinta anos, ficará criada uma situação injusta para uma grande parcela do funcionalismo da União, parcela que exatamente demonstrou dedicação ao serviço público, desde que não gozou da licença especial relativa ao terceiro decênio. Para recompensar esse grupo funcional, sugerimos que durante seis meses recebam em dobro os proventos decorrentes da aposentadoria.

Sala das Sessões, 2 de dezembro de 1963. Dep. MARCO ANTÔNIO

Ajuda a NOVOS RUMOS

Table with 2 columns: Item and Price. Includes Amigos da Guanabara 1.750,00, Amigos FCB (Rio-GB) 600,00, Um barbeiro (Rio-GB) 100,00, Um amigo de Colégio (Rio-GB) 50,00, Total: 2.500,00.



NOVOS RUMOS

Propriedade da EDITORA ALIANÇA DO BRASIL LTDA.

Diretor Orlando Bomfim Júnior

Diretor Executivo Fragmon Carlos Borges

Redator Chefe Luiz Gazzaneo

Gerente Guttemberg Cavalcanti

Redação: Av. Rio Branco 257, 17º andar, sala 1712

Gerência: Rua Leandro Martins, 74, 1º andar (Centro)

Endereço telegráfico: NOVOSRUMOS

EDIÇÃO DE MINAS GERAIS

Redação e Administração: Rua dos Carijós 121, 2º andar, S/204

Tel. 4-8666 — B. Horizonte

Sucursal de São Paulo

Rua 15 de Novembro 228, 8º andar, sala 827

— Telefone 35-0453 —

Sucursal do Paraná

Rua José Loureiro, 133 — 3º andar, S/311 — Curitiba

Assinaturas

Annual Cr\$ 1.500,00
Semestral " 800,00
Trimestral " 400,00

Assinatura Aérea

Annual Cr\$ 2.800,00
Semestral " 1.500,00
Trimestral " 800,00

xxx
Nº avulso .. Cr\$ 30,00
Nº atrasado .. 50,00

Livros que o Povo Aguardava:

- 1 — Como o Brasil Ajuda os E.U.A. — De Arnaldo Ramos
2 — A Terceira Guerra — de Lúcio Machado
3 — Em Agosto Getúlio Ficou Só — De Almir Matos
4 — Inflação, Arma dos Ricos — De Fausto Cupertino

COLEÇÃO «REPORTAGEM» Do Centro Popular de Cultura da U.N.E.

Preço por exemplar: Cr\$ 300,00

Pedidos pelo reembolso postal à EDITORA ALIANÇA DO BRASIL LTDA. Rua Leandro Martins, 74-1º andar Rio de Janeiro — GB

DELEGACIA DO SINDICATO DOS FERROVIÁRIOS DA LEOPOLDINA, EM CAMPOS

Por ocasião dos festejos que marcam o início de mais um ano, a DELEGACIA DO SINDICATO DOS FERROVIÁRIOS DA LEOPOLDINA, em Campos, confraterniza-se com todos os trabalhadores brasileiros, augurando vitórias definitivas em nossa luta pelas Reformas de Base, contra o imperialismo e o latifúndio.

Lembramos que, agora mais do que nunca, quando os trabalhadores vêm crescendo em organização e em consciência política, é necessário reafirmar nosso apoio ao Comando Geral dos Trabalhadores, que orientará para bom termo a luta que travamos pelos nossos direitos, pelo bem-estar social e pela libertação do Brasil.

Ao trabalhador fluminense, fazemos o chamamento para que prestigie o III Congresso dos Trabalhadores do Estado do Rio, a realizar-se no Estádio Caio Martins de 15 a 17 de maio próximo; e também para que manifestem seu acordo com a Declaração Política do III Encontro dos Trabalhadores Fluminenses, em Friburgo.

Ass.) Amaro Maciel Rangel — Delegado

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS USINAS DE AÇÚCAR DE CAMPOS — RIO DE JANEIRO

O Sindicato dos Trabalhadores das Usinas de Açúcar de Campos (RJ) saudando, nesta oportunidade, todos os seus companheiros e suas famílias, congratulando-se com as vitórias conquistadas no ano de 1963. As conquistas obtidas por todos nós, no biênio 62/63, estamos certos, outras virão juntar-se, consubstanciadas no Programa da Chapa «Pau-Puro». Para isso, é necessário que saibamos manter e consolidar nossa unidade, através de uma luta séria, que nos levará a participar, com êxito, do III Congresso dos Trabalhadores do Estado do Rio, a realizar-se em maio deste ano, assim como nos possibilitará alcançar as reivindicações específicas do III Encontro Sindical de Friburgo, relativas ao enquadramento sindical dos assalariados agrícolas das usinas no Sindicato dos Trabalhadores das Usinas de Açúcar.

as.) Almirante Costa, presidente

Sob Ameaça de Revogação a Lei de Remessa de Lucros

NOTA ECONÔMICA - José Augusto

Vitória Dos Trabalhadores e de Todo o Povo

O resultado do pleito na CNTI, com a eleição da chapa encabeçada pelo líder sindical Clodomir Riani, constitui importante vitória não apenas dos trabalhadores, mas de todo nosso povo.

tativas de corrupção, defenderam sua unidade e elegeram a diretoria capaz de avançar nos rumos que a CNTI vem seguindo há dois anos, exatamente a partir da eleição em que foram derrotados os pelegos da ORIT que agora tentam voltar a dirigir.

Grande é, assim, a significação da vitória alcançada pelos trabalhadores, com o resultado das eleições na CNTI. Novas perspectivas se abrem ao fortalecimento da unidade da classe operária, à criação de uma central sindical.

Por outro lado, a unidade da classe operária constitui a base da aliança operário-camponesa e da frente única de todas as forças democráticas e patrióticas.

Mas os dirigentes sindicais, demonstrando o elevado nível a que chegou sua consciência de classe, souberam ver com clareza onde estavam os seus interesses.

Distorção Dos Fatos

É espantosa a sem-cerimônia com que "Última Hora", em seu editorial de terça-feira, distorce os fatos em torno da luta pelas reformas de base.

Entretanto, o próprio raciocínio desenvolvido pelo editorialista mostra a falsidade de sua análise e suas conclusões.

ver as reformas têm ele de contrapor-se a Lacerda e romper os conciliabulos com as raposas do PSD? Fala-se em "divisão das esferas". É um fato incontestável, porém, que não só as esquerdas, mas todas as forças nacionalistas, estão solidamente unidas na exigência de um novo ministério.

Que há pressões reacionárias contra as reformas, claro que há. Mais claro ainda, porém, é que as forças que aspiram às reformas de estrutura — como mostram as últimas vitórias democráticas no movimento operário — são muito mais poderosas do que essas pressões, além do mais ilícitas e espúrias.

Assim também, é fazer pouco demais da inteligência de nosso povo.

Val para um ano e meio que o Congresso Nacional aprovou a Lei de Remessa de Lucros, promulgada pelo presidente do Senado a 3 de setembro de 1962, uma vez que o sr. João Goulart, cedendo às pressões dos grupos estrangeiros e seus agentes internos, havia-se recusado a sancioná-la.

até antagonista, o ministro Carvalho Pinto dissolveu o grupo e incumbiu um outro grupo, próximo de sua assessoria, de redigir nova elaboração. Foi daí que saiu, finalmente, o texto divulgado pela imprensa, voltado no fundamental para a defesa dos interesses nacionais e sobre o qual NOVOS RUMOS publicou algumas observações na edição de 29 de novembro último.

Imperialismo Reage Nos Bastidores

A elaboração do projeto de regulamentação foi acompanhada de notícias quase diárias pelos jornais, anunciando "a próxima assinatura do decreto" pelo sr. João Goulart e por inflamados discursos deste último denunciando a espoliação do capital estrangeiro.

Em fins de dezembro, como se sabe, o sr. Carvalho Pinto saiu da Fazenda, sendo nomeado para substituí-lo o sr. Nei Galvão, negociante notório e homem bastante vinculado ao sr. Walter Moreira Salles, sócio de Rockefeller no Brasil (e, dizem, também na Venezuela).

do em poucos dias lucros de bilhões aos fundos de investimentos (ainda que, como a DELTEC, de propriedade do sr. Nelson Rockefeller) uma orientação marcadamente orientada para o norte-americano-financeiro.

Os frutos de tais entendimentos ali estão, nas notícias aparecidas esta semana nos jornais. Segundo foi publicado, o sr. João Goulart incumbiu o sr. Jorge Serpa, eminência parca da Presidência e testa-de-ferro de diversos interesses estrangeiros, de coordenar a elaboração de nova regulamentação. Pelo que foi publicado no "Correio da Manhã", jornal controlado pelo sr. Serpa, a nova regulamentação transformará em letra morta não só a lei de remessa, como todo o oceanó de palavras sobre a espoliação imperialista contida nos discursos do sr. João Goulart.

Lei Ameaçada

Dessa maneira, acha-se sob ameaça iminente uma importante conquista das forças nacionalistas, como é a lei de remessa aprovada pelo Congresso. Se não houver uma imediata mobilização dos setores nacionalistas e populares, acabará por prevalecer a regulamentação entreguista, pois é nesse sentido que sopram os ventos da composição do Governo com os credores estrangeiros, especialmente os norte-americanos.

As vésperas da Conferência Mundial de Comércio

No início da segunda quinzena de março reuniu-se em Genebra a Conferência Mundial de Comércio e Desenvolvimento. Apesar de estarmos a apenas pouco mais de dois meses da Conferência, os jornais e a opinião pública, como regra, não estão concedendo ao acontecimento a devida importância.

Em recente visita efetuada à União Soviética, o economista argentino Raul Prebisch, que também é o secretário geral da Conferência, teve oportunidade de prestar declarações acerca dos principais obstáculos que se erguem no caminho do desenvolvimento do comércio internacional.

FORA DE RUMO - paulo mello lima

Em sua edição de seis do corrente "Última Hora" anunciou que a eleição do dia seguinte, na CNTI, marcaria a vitória de um novo líder sindical, mobilizado no Paraná. Era um marceneiro de absoluta confiança do ministro Amauri Silva.

Na edição do dia sete nada restou da cantada sobre o comunismo alienígena e as greves impatrióticas, com letra do senador Mac Carthy e música de João Wagner. Onde está a verdade histórica? Na edição de seis ou na de sete?

e os produtos manufacturados, que caracterizam as exportações dos desenvolvidos. Para suprir tal desigualdade, acrescenta, é necessário tomar por alguns caminhos, entre eles o da liquidação da "tesoura de preços" na troca de produtos primários por manufacturados; do estabelecimento de um sistema de compensações para fazer frente às flutuações dos preços das mercadorias dos países em desenvolvimento; da criação de condições para a venda nos mercados dos países desenvolvidos não apenas de produtos primários, mas também de manufacturados e semi-manufacturados procedentes dos subdesenvolvidos.

Em uma palavra, trata-se de colocar em termos atuais o problema da divisão internacional do trabalho, pois não é possível tolerar a perpetuação de uma divisão em termos tais que também eternizem a miséria e o subdesenvolvimento na maior parte do mundo.

Um dos pontos de maior relevo na Conferência será o referente a um mecanismo capaz de contribuir para normalizar realmente o comércio internacional.

Naturalmente, não se pode esperar que na Conferência se encontre solução para todos os problemas. Mas, se dela resultar que seja apenas a criação de uma verdadeira e eficaz Organização Mundial de Comércio, sob a égide da ONU, então, somente isso terá justificado plenamente sua convocação.

Homenagem ao Ministro Olympio Fernandes Mello

A Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Empresas de Crédito (CONTEC), em regozijo pela nomeação do líder bancário OLYMPIO FERNANDES MELLO para Ministro do Tribunal Superior do Trabalho, na representação de empregados, promoverá um Almôço de Homenagem, dia 11 de janeiro vindouro, às 13 horas na Churrascaria Gaúcha (Rua Laranjeiras, 114).

- Os convites poderão ser encontrados nos seguintes endereços:
- CONTEC: - Av. Presidente Vargas, 529 - 16º and., Sa/1606/8 - Telefone: 23-5591.
- SINDICATO DOS BANCARIOS: - Av. Presidente Vargas, 502, 22º and. - Telefone: 43-8200.
- SINDICATO DOS SECURITARIOS: - Rua Alvaro Alvim, 21, 22º and. - Telefone: 32-1841.
- ABI - 7º andar (C/Sr. Walter).
- LIVRARIA SAO JOSE: - Rua São José, 38.

Sentido Revolucionário da Luta Pelas Reformas

Glecondo Dias

A necessidade das reformas de estrutura da sociedade brasileira ganhou a consciência da grande maioria da Nação. Tal é o prestígio adquirido pela ideia dessas reformas que mesmo entre os políticos reacionários, seus inimigos de fato, poucos são os que têm a audácia de se proclamarem publicamente contrários a elas.

O que era, até há algum tempo atrás, uma reivindicação formulada apenas pelos comunistas e seus aliados mais próximos é, hoje, uma exigência de milhões e milhões de brasileiros, exigência que constitui a base do mais vasto movimento de opinião de toda a história política de nosso País.

Contudo, existem ainda em nossas fileiras algumas incompreensões básicas no que se refere ao caráter e à significação da luta pelas reformas de estrutura em nossas condições históricas atuais. De um lado, manifesta-se certa tendência no sentido de absolutizar essas reformas, isto é, de encará-las como um objetivo final, de não considerá-las como um aspecto ou uma fase do processo revolucionário cuja culminação será o triunfo do socialismo.

De outro lado, porém, revela-se entre alguns de nossos companheiros uma tendência no sentido de pôr em dúvida o conteúdo revolucionário da luta pelas reformas estruturais que, segundo imaginam, é uma luta de caráter "reformista" e estranha, portanto, aos interesses de classe do proletariado e, em geral, aos interesses de nosso povo. É uma tendência que não permite ver com clareza o processo revolucionário em curso no País e leva, por isso mesmo, a posições falsas cuja aceitação pelas forças de vanguarda só faria retardar esse processo, embora tais posições se apresentem com uma roupagem ultra-revolucionária. Por baixo dessa roupagem, entretanto, o que existe são concepções que, objetivamente, prejudicam a causa da revolução brasileira, a causa da marcha para o socialismo no Brasil.

Vejam os que consistem algumas das objeções de fundo setário e dogmático apresentadas contra a justiça da luta, em que estamos empenhados, pelas reformas de estrutura.

Há companheiros e, mesmo, alguns aliados, sobretudo entre a juventude e a intelectualidade, que colocam arbitrariamente uma espécie de muralha chinesa entre as reformas e a revolução e afirmam que a existência das reformas de estrutura nada tem de revolucionária porque, realizando-se as reformas nos marcos do sistema capitalista, serão por este reabsorvidas, isto é, se converterão facilmente num instrumento das classes dominantes para que se reforce o seu poder contra os trabalhadores e o povo.

Aparentemente, essa é uma tese revolucionária, radical. Mas só aparentemente. Na realidade, os seus defensores argumentam como se víssemos há vinte ou trinta anos, como se nada de novo tivesse ocorrido no mundo nas últimas décadas, em especial nos últimos anos. Mais do que isso, revelam desconhecer os preciosos ensinamentos dos clássicos do marxismo-leninismo acerca, por exemplo, da necessidade dos partidos revolucionários dominarem todas as formas de luta e se atermem sempre à reali-

dade histórica, concreta. Não consideram, particularmente, a insistência com que Lênin exortava os comunistas a concentrarem todas as suas forças e toda a sua atenção na "procura das formas de passagem ou aproximação à revolução proletária" (V. I. Lênin, Obras, t. XXXI, p. 63).

É um erro profundo encarar a correlação entre as reformas e a revolução em nossos dias do mesmo modo que se encarava antes da Revolução de Outubro, antes do advento da crise geral do capitalismo, antes da decomposição do sistema colonial do imperialismo, antes da formação do sistema socialista mundial, antes da etapa histórica da passagem do capitalismo ao socialismo em escala mundial. É um erro profundo também, especialmente no que se refere ao nosso País, considerar o problema como se estivéssemos na década de 30 ou 40, quando não havia o forte movimento operário que há hoje, quando o movimento camponês se achava incomparavelmente mais atrasado e sua influência era praticamente nula, quando não existia uma ampla e poderosa frente nacionalista e democrática como a que se desenvolveu recentemente e quando, enfim, o poder das classes reacionárias estava longe de apresentar os sinais de instabilidade, agora dia a dia mais evidentes. É um erro profundo, finalmente, avaliar do mesmo modo, esquematicamente, como se tivessem consequências iguais, todas as reformas, isto é, não distinguir entre as reformas de estrutura e as reformas secundárias, de superfície.

Que sentido e que alcance têm as reformas de estrutura pelas quais lutamos? Elas visam, essencialmente, acabar com o domínio de nossa economia pelos imperialistas norte-americanos, extinguir o monopólio da terra e, com ele, o poder dos latifundiários como classe, elevar substancialmente os padrões de vida das grandes massas trabalhadoras e, assim, sobre a base de uma ampliação verdadeira dos direitos democráticos do povo, que lhe permita influir decisivamente na condução da vida política do País, assegurar o desenvolvimento independente, progressista e democrático da Nação. O próprio enunciado desses objetivos, mesmo em termos os mais sumários, indica que a realização das reformas de estrutura significará uma mudança substancial na disposição das forças sociais e políticas, no sentido de que as forças mais reacionárias, aquelas que são o mais sério obstáculo ao avanço do processo revolucionário, serão desalojadas do poder político ou, pelo menos, perderão as posições decisivas de mando que hoje se encontram em suas mãos. Deve-se assinalar, aliás, que as mudanças na correlação de forças vão se verificando gradualmente antes mesmo de alcançadas em definitivo as reformas, no transcurso da própria luta que se trava por consequência. E é precisamente o acúmulo dessas mudanças parciais que, chegado a um determinado ponto, torna impotentes as classes dominantes para continuar resistindo, como hoje ainda resistem, à efetivação das reformas de estrutura.

Naturalmente, apesar dos objetivos comuns que tornam possível a frente única, diferem as aspirações e perspectivas das classes e camadas sociais progressistas que compõem a frente antiimperialista e antifundal. No que se refere à burguesia, especialmente, não é novidade para ninguém que o seu desejo reside em utilizar as reformas estruturais no sentido de conquistar para ela o monopólio das vantagens econômicas e do poder político, perpetuando o regime de exploração do homem pelo homem. Outra, evidentemente, é a aspiração do proletariado, das massas trabalhadoras e da geral, inclusive o campesinato, e da

pequena burguesia urbana. Para as classes trabalhadoras as reformas de estrutura devem representar um elo no processo revolucionário que culminará com o advento e a construção do socialismo. Se as reformas, afinal, serão reabsorvidas pelas classes dominantes, em particular pela burguesia e servirá para fortalecer o seu domínio, ou se serão um fator de avanço e aprofundamento do processo revolucionário brasileiro, isso depende de uma série de condições, tanto objetivas como subjetivas: da influência que tenham as forças de vanguarda na frente única, refletindo o grau de organização e de consciência política alcançado, antes de tudo pelas massas trabalhadoras, assim como refletindo a orientação lúcida, unitária e consequente que imprimirmos à luta; da capacidade maior ou menor que revele a frente única de neutralizar as tendências à conciliação com o imperialismo e o latifúndio; da amplitude que alcance a unidade das forças nacionalistas e democráticas; do desenvolvimento da situação internacional, caracterizada pelo incessante avanço do sistema socialista e do movimento de libertação nacional e, de outro lado, pelo fatal enfraquecimento do sistema imperialista.

Cabe a pergunta: de que modo e em que sentido atuam — e tendem a atuar cada vez mais fortemente — essas forças? Estamos convencidos de que elas atuam a favor da perspectiva revolucionária, a favor das forças sociais interessadas em que o processo não se detenha mas, ao contrário, avance e se aprofunde. Evidentemente, não basta fazer esta constatação e esperar que o resto aconteça espontaneamente. É indispensável intervir ativamente, conscientemente no processo, o que por sua vez exige que sejamos de fato um partido político de ação, dirigente de grandes massas.

Nas presentes condições, essa ação consciente deve ter por objetivo a conquista das reformas de base. As reivindicações constantes dessa luta revestem um caráter democrático, não eliminam a exploração do homem pelo homem, não são reivindicações de conteúdo socialista. Entretanto, a sua realização trará como resultados imediatos a limitação do poder dos monopólios imperialistas e da parte da burguesia a eles ligada; a supressão do monopólio da terra pelos latifundiários e um golpe decisivo em sua perniciosa influência na vida política do País; o aumento da influência e do peso político da classe operária e demais classes trabalhadoras; o isolamento das forças mais reacionárias; o reforçamento das forças mais progressistas. A reação oferecida pelos imperialistas e pelos latifundiários, já não dizemos às reformas de estrutura, mas à simples enunciação de algumas medidas de caráter superficial prometidas pelo Governo, mostra bem que consequências terão aquelas reformas. Tomemos dois exemplos: a regulamentação da remessa de lucros e a desapropriação de áreas às margens das rodovias construídas pela União. No primeiro caso, os agentes dos trustes norte-americanos chegam a ameaçar-nos com a intervenção militar. No segundo caso, disse o senador Benedito Valadarez: "Isso seria a morte do PSD". Isso ajuda a compreender em que sentido se dará a redistribuição das forças de classe no País com a realização das reformas de estrutura.

Como dissemos, essas reformas se atuam nos marcos da revolução nacional e democrática. Surge daí o problema da correlação, na época em que vivemos, entre a revolução democrática e a revolução socialista. Hoje, nas novas condições, a que antes nos referimos, tanto em escala mundial como em nosso País, já não se pode falar de uma revolução democrático-burguesa do tipo tradicional — e

não só das que ocorreram nos séculos XVIII e XIX, mas também das que se verificaram em nosso século antes da Revolução de Outubro, da crise geral do sistema capitalista e da formação do sistema socialista mundial. Presentemente, a revolução democrática adquire novas características. Uma dessas características mais importantes consiste em que, antes a revolução de tipo democrático apresentava fundamentalmente um conteúdo antifundal e levava a um desenvolvimento limitado do capitalismo, hoje, em numerosos países — como o Brasil — ela se dirige, desde o início, não apenas contra as sobrevivências feudais, mas contra o imperialismo, em essencial o imperialismo norte-americano. Desse modo, dirige-se também contra a parte da burguesia associada ou a serviço do imperialismo. Em outras palavras, a revolução democrática é dirigida agora, em essência, contra o mesmo inimigo a que visa a revolução socialista no âmbito mundial, contra o barão e o gendarme do sistema capitalista.

Isto significa que se deu uma aproximação maior entre os dois tipos de revolução, de tal modo que a luta pela solução das tarefas democráticas e das tarefas socialistas pode não tonar a forma de duas revoluções distantes entre si, mas constituir apenas duas etapas de um mesmo processo revolucionário. Um exemplo concreto, próximo a nós, é o de Cuba.

Para que isso se realize na prática, para que os ritmos de transição sejam os mais rápidos, são necessárias, naturalmente, diversas condições. Uma delas é a capacidade que tenham as forças de vanguarda de isolar ao máximo as forças entreguistas e reacionárias, assegurando a formação da mais ampla frente única contra o imperialismo e seus agentes e o latifúndio, assim neutralizando também as tendências à conciliação. Outra condição é que as forças sociais mais avançadas tenham uma participação cada vez mais influente e decisiva no processo político, de maneira a assegurar a sua direção pela classe operária. Isso permite compreender quanto é grande a importância do reforçamento da unidade do movimento operário, assim como a organização e as lutas das massas camponesas.

Contrapor as reformas à revolução — quer para considerá-las um fim em si, como fazem os reformistas, quer para negar-lhes qualquer papel no processo revolucionário, como fazem os fraseologos ultra-esquerdistas — é não perceber a correlação que existe entre elas, é não ter uma exata compreensão das características da época histórica em que vivemos. Em nosso caso, a luta pelas reformas de estrutura é hoje o principal meio de fazer avançar o processo revolucionário. A conquista dessas reformas, independentemente dos fins que perseguim os diferentes grupos sociais, volta-se contra a espoliação imperialista e o atraso semi-feudal. Entretanto, os efeitos que delas resultam, naturalmente na medida em que a luta seja dirigida pelas forças de vanguarda, atingem cada vez mais o capitalismo, como sistema de exploração do homem pelo homem.

Em nossas condições atuais, a revolução brasileira passa pelo caminho da luta de massas pelas reformas de estrutura, pelo caminho da conquista e a realização dessas reformas. Não têm nenhuma razão, portanto, aqueles que, embora usando uma fraseologia aparentemente revolucionária, menosprezam a significação dessa luta. É precisamente a causa da libertação nacional e da emancipação social da classe operária e de nosso povo, que devemos participar com a maior firmeza e decisão da luta pela realização das reformas de estrutura.



OBRA DE GIGANTES

Entrará em atividade, dentro de pouco tempo, a maior obra do Plano Quinquenal polonês: o complexo industrial de Turów, em Wrocław. O complexo se estende por 40 quilômetros. Inclui uma central elétrica e uma mina de lignito. A central "Turów" terá sete turbinas, com uma potência global de 1.400.000 KW. Quando estiver em pleno funcionamento, a central elétrica necessitará de 30 mil toneladas diárias de carvão, que estão sendo extraídas de uma enorme mina, a céu aberto. Para se ter idéia das proporções da obra, basta dizer que uma das caldeiras tem 17 metros de diâmetro e quase 60 metros de altura. Dessa caldeira, são obtidas cerca de 650 toneladas de vapor por hora. Os geradores pesam mais de 100 toneladas. O edifício principal, onde se encontram as instalações que produzem energia elétrica (caldeiras e turbinas) tem a altura de um prédio de 20 andares.

TAREFA CUMPRIDA

A Ucrânia cumpriu, antes do prazo previsto, a quota de 1963 do Plano Setenal para a maioria dos artigos importantes. As tarefas de aumento da produtividade do trabalho foram cumpridas, e foram economizados com a redução do preço de custo da produção industrial mais de 40 milhões de rublos. Em relação ao ano passado (isto é, a 1962), a produção aumentou de 7%.

É A PRIMEIRA

A produção de lignito na República Democrática Alemã atingiu, em 1963, a 250 milhões de toneladas. A RDA ocupa o primeiro lugar no mundo, com cerca de 37% da produção mundial. A produção "per capita" é de 15 toneladas. As centrais elétricas, a indústria química, que produz plásticos, lã, fibras e combustíveis líquidos, consomem grande quantidade desse produto. Atualmente, novas minas a céu aberto entraram em atividade.

CURA DE CORAÇÕES



No conhecido balneário de enfermidades cardíacas e vasculares de Pödebrady, na Tchecoslováquia, recebem assistência, anualmente, 15.000 pacientes, dos quais 300 de várias partes do mundo. Os doentes estão divididos em grupos e cada um tem

especial, durante o processo de cura. Aos que ainda não podem abandonar o leito, a estadia no balneário também se torna agradável, através da leitura de livros, revistas, jornais, e de vários programas culturais adequados. As crianças doentes continuam estudando na escola do sanatório, se seu estado de saúde o permite.

SÉDE DE CULTURA

Mais de 100.000 intelectuais da República Popular da Romênia — cientistas, escritores, professores, médicos, engenheiros, visitam atualmente várias regiões do país, onde, juntamente com intelectuais das aldeias, lançam-se numa ampla atividade de difusão dos conhecimentos científicos e culturais. Dezenas de milhares de conferências são realizadas no meio rural, sobre os êxitos na construção de uma nova vida, política exterior de paz e colaboração com todos os povos, realizações mais importantes da ciência e da cultura romenas e universais. Os intelectuais respondem às perguntas formuladas pelos camponeses que desejam conhecer as últimas conquistas em agronomia, ciência, arte e literatura.

FEIRA DE LEIPZIG

Mais de 6.500 expositores, de 55 países, participaram, em 1963, da Feira de Leipzig. Pela primeira vez, figuraram países como a Índia, Indonésia, Madagascar, Síria e Islândia. Mais de 200 mil visitantes acorreram a Leipzig, vindos de 88 países. A área da exposição foi de 114.000 metros quadrados. Grandes negócios foram realizados durante a mostra, na qual o Brasil mais uma vez esteve representado, inclusive com um "stand" do IBC.

CONTRÔLE DA FILMAGEM



Um pequeno aparelho, semelhante a um receptor de televisão, está sendo empregado como controlador de cenas de filmes soviéticos. O aparelho pode reproduzir em seu próprio tubo o que se passa no campo visual da câmera cinematográfica.

Agora, os técnicos do cinema, diretores e roteiristas, simultaneamente com a filmagem de uma cena, poderão vê-la como se estivessem em um salão de projeção. O aparelho ajuda a corrigir oportunamente o movimento dos atores, as tomadas e o trabalho do operador.

UNIVERSIDADES OPERÁRIAS

As quatro primeiras Universidades Operárias surgiram na Polónia nos anos de 1957-58, organizadas pela União da Juventude Socialista, acolhendo nesse ano 488 alunos. Atualmente, há 84 dessas universidades, com um total de 43.427 alunos. Cerca de 84% são jovens trabalhadores. Há também muitos jovens vindos do campo. O programa das universidades operárias inclui o estudo de diversos problemas de política internacional, questões ideológicas, assuntos da atualidade, etc. Colaboram no ensino 2.000 professores, engenheiros, economistas, juristas e especialistas de várias outras disciplinas.

DOIS PROTOCOLOS

Foi firmado em Sófia um protocolo e listas comerciais entre a Bulgária e a Guiné, para o ano de 1964. Os documentos prevêem que a Bulgária enviará à Guiné vários tipos de máquinas, motocicletas, puré de tomates e outras conservas, etc., e receberá café, cacau, frutas e vários outros produtos. Também foi assinado um protocolo com Israel. A Bulgária exportará metais, máquinas, produtos químicos, medicamentos, madeiras, bebidas alcoólicas, etc., e importará frutas cítricas, têxteis, fios sintéticos, etc.

Comunistas Argentinos Definem-se em Face do Governo de Illia

A respeito da situação política e econômica da Argentina, o Partido Comunista argentino publicou, a 19 de novembro passado, uma Declaração do Comitê Central. É uma análise minuciosa da realidade política da Argentina — da qual o Partido Comunista extrai lições e experiências, para concluir que o que se impõe, no momento, na Argentina, de modo precipuo, é a ação de massas sistemática, para o aproveitamento da brecha democrática aberta pela eleição do sr. Arturo Illia e pelos seus primeiros atos na Presidência da República.

Esta alguns tópicos da "Declaração do Comitê Central do Partido Comunista".

Revés

Nas eleições de 7 de julho, apesar da fraude consumada pelo governo de fato, ao impedir a participação de comunistas e peronistas, e apesar da reação de tipo fascista desencadeada pelo governo, as forças mais reacionárias sofreram o revés de não poder impor seus próprios candidatos.

II

Como consequência do revés sofrido pelas forças reacionárias nas eleições de 7 de julho, abriu-se no país uma brecha democrática. Embora debilmente, foram restauradas algumas liberdades e princípios do federalismo. Em algumas províncias, os decretos-leis não mais foram aplicados e nosso Partido e os peronistas vão conquistando alguns direitos democráticos.

III

Ante esta nova situação, a tarefa dos comunistas e de todas as forças democráticas e progressistas do país é a de ampliar essa brecha mediante a ação de massas.

Apoio Condicional

O novo na situação é que o governo passou das mãos de Guido, instrumento de uma ditadura militar-civil fascista, abertamente pró-Illia, para as mãos do binômio Illia-Perette, cujo governo pode ser qualificado de liberal-burguês, que se propõe atuar com independência dos "fatores do poder", defender a soberania nacional e restaurar as liberdades democráticas.

A fórmula Illia-Perette obteve uma maioria relativa nas eleições e foi consagrada com o apoio de diversos setores políticos, inclusive pela Federação dos Partidos do Centro, que pressiona sobre o novo governo.

Apesar de guindado ao governo sendo minoria, e apesar dessa pressão, se, como afirma, aplicar consequentemente a plataforma política sustentada na campanha eleitoral; se cumpriu sua promessa de normalizar a vida econômica e política do país e abriu o caminho à democracia, ao progresso, à independência nacional e à paz, poderá obter o apoio popular suficiente para desbaratar as manobras dos imperialistas, dos lanques em particular, e dos "fatores de pressão", que desejam continuar como "governo paralelo". Isso é

possível devido a que, se realizar tal política, poderá contar com o apoio não só dos que o elegeram, como dos que votaram por outros partidos democráticos e, sobretudo, dos três milhões de cidadãos que votaram em branco ou se absteram de votar.

Programa

Todos coincidem, em geral, com alguns pontos programáticos essenciais, como os seguintes:

- Suspensão da proscrição de comunistas e peronistas, anulação dos decretos-leis liberticidas, estabelecimento das mais amplas liberdades democráticas;
- Medidas efetivas contra a carestia da vida e o desemprego; manutenção e ampliação das conquistas sociais dos trabalhadores;
- Contra os despejos e pela estabilidade dos camponeses na terra; reforma agrária;
- Apoio à anulação dos contratos petrolíferos, nacionalização do petróleo e de outras fontes de matérias-primas necessárias ao desenvolvimento independente da economia nacional; reconstrução do sistema de transporte, principalmente do ferroviário, desarticulado pela interferência do Banco Mundial; defesa da soberania nacional posta em perigo pelo FMI e pela sediciosa Aliança Para o Progresso; defesa dos termos de comércio, mediante a abertura de novos mercados para a produção argentina, não só na América Latina, mas também no campo socialista mundial;
- Política exterior independente, de defesa da paz e desarmamento mundial; não participação de blocos agressivos; respeito ao direito à autodeterminação do povo cubano e de todos os povos do mundo.

Estas são, no essencial, as reivindicações que o atual governo unem o povo argentino. Por conseguinte, se o governo Illia-Perette cumprir o prometido durante a campanha eleitoral e aplicar os pontos programáticos preditos poderá obter o apoio da imensa maioria da população.

Pressão

Aumentou a pressão do imperialismo Ianque, em particular dos monopólios do petróleo, ante a notícia da anulação dos contratos petrolíferos estabelecidos com o governo Frondizi em 1958. Tudo foi posto em movimento a fim de obrigar o governo a dar marcha-à-re; ameaças de represálias econômicas de parte do Senado norte-americano, intervenção direta e descarada de McClintock ante diversos personalidades do governo, assim como a de outros agentes internos e externos dos monopólios Ianques; campanhas descaradas da imprensa Ianque em defesa dos contratos petrolíferos; e finalmente a precipitada vinda ao país de Averel Harriman — homem de confiança do presidente Kennedy — com o propósito de influenciar sobre o governo Illia para impedir a anulação dos contratos petrolíferos.

VIII

"Wall Street Journal" (1.º de agosto) chegou inclusive a agitar a desavergonhada ameaça do golpe de Estado

contra Illia se cumprisse o prometido.

Governo Indeciso

Como consequência dessa e de outras pressões, que não são suficientemente rechaçadas pelos setores democráticos e progressistas do país, a atividade do governo se desenvolve através de uma linha zigzagante.

Com efeito: um mês após a subida ao poder de Illia e Perette, continuam pressionando-o todos esses "fatores de pressão". E se o governo Illia não procede de imediato à liquidação dos setores enquistados no aparelho estatal, acabará sendo vítima deles. Ou se liquidam esses fatores de pressão, ou seja, o "governo paralelo", ou este terminará por impor sua vontade ao governo atual ou por derrubá-lo.

Heterogeneidade

A primeira mensagem presidencial refletiu a heterogeneidade das idéias que predominam entre os componentes do gabinete formado por Illia. Embora na mensagem se anuncie uma série de princípios democráticos gerais, estes não são determinados concretamente. Ou seja, não se anunciou a derrogação imediata dos infames decretos-leis liberticidas. E isso, proclamamos, é o que se há de fazer imediatamente se se quer abrir caminho à democracia.

VII

É um fato muito positivo, saudado por todo o povo, que o governo Illia haja rechaçado a missão Harriman e anulado os contratos petrolíferos. Por isso mesmo é preciso que estabeleça, o quanto antes, de modo amplo e sem restrições, os direitos democráticos e as liberdades civis, anulando os decretos-leis repressores, para que o povo possa prestar-lhe seu apoio em defesa dessa patriótica medida e de outras estabelecidas em sua própria plataforma eleitoral.

Isso é tanto mais necessário porque, com a anulação dos contratos petrolíferos e, possivelmente, também os de SBOBA, aguçou-se a contradição entre nosso país e o imperialismo em geral, o norte-americano em particular. Este procurará, por todos os meios dobrar o governo Illia, inclusive colocando-o sob a ameaça de um golpe de estado, similares ao que ocorreram na República Dominicana e em Honduras.

Batalha do Petróleo

É preciso, pois, ganhar a batalha do petróleo! Ao vencer essa batalha, criará-se condições propícias a que se proceda logo à nacionalização total do petróleo, da energia elétrica de outras fontes de riquezas e empresas decisivas para o desenvolvimento independente da economia nacional.

VIII

A batalha de defesa do petróleo, assim como das outras fontes de riquezas nacionais, pode e deve ser vencida! Existem condições favoráveis a isso, tanto internas como externas. In-

ternamente, porque o Poder Executivo conta para esse fim com o apoio decidido da classe operária e do povo, dos partidos políticos democráticos e das organizações sindicais. Externamente, porque o poderoso campo socialista mundial, encabeçado pela União Soviética, está disposto — como o demonstra a experiência de outros países — a abastecer o nosso País das maquinárias e equipamentos necessários, assim como a prestar ajuda técnica, para manter e expandir a produção nacional de petróleo, se nosso governo assim o solicitar.

Esquerdismo

X

Como, apesar de tudo, a justa política de nosso Partido vai penetrando na classe operária e entre o povo, crescem os ataques contra o nosso Partido da parte dos dirigentes peronistas das "62", dos chamados "esquerdistas nacionais", dos trotskistas, de alguns dirigentes socialistas de vanguarda seguidores de peronismo, aos quais se somam grupinhos insignificantes de renegados de nosso Partido. Fazem-no com o fim de desviar as massas do caminho revolucionário, proletário, e mantê-las sob a influência da ideologia nacionalista burguesa.

Sob o pretexto de lutar contra o comunismo "absorvente", tratam de frear a "guinada" à esquerda, coisa que não conseguirão pois essa guinada é irreversível. Ontem, proclamavam o slogan paralisante do "ver e esperar". Hoje, o não menos pernicioso slogan do "tudo ou nada". E agora, quando existem as condições de vencer a batalha do petróleo e conquistar as liberdades democráticas; quando existe a possibilidade de empurrar o governo para realizar uma política exterior independente, de defesa da paz e do direito de autodeterminação dos povos, alguns deles falam da necessidade da "insurreição", para derrubar o governo, fazendo assim o jogo do inimigo oligarquico e imperialista.

Situação Insuportável

XI

O fato é que, devido à política de capitulação aos governos anteriores diante do imperialismo, ou norte-americano em particular, e seus aliados internos — a oligarquia latifundiária e o grande capital intermediário — as condições de vida e de trabalho da classe operária e do povo foram piorando cada vez mais até chegar à situação insuportável atual.

Por isso, a classe operária e o povo não podem nem devem suportar por mais tempo que se descarregue sobre suas costas todo o peso da crise econômica; carestia da vida em vertiginosa subida, desemprego, salários baixos. Por isso, é preciso organizar as lutas pela obtenção do atendimento a suas justas reivindicações. A classe operária e o povo reclamam ações positivas em defesa do pão e do trabalho, das liberdades democráticas e da independência nacional.

Uma característica da situação política nacional, como assinalou o XII Congresso partidário, é que, em demanda de suas justas reivindicações, acentua-se o processo de radicalização das massas, o que acontece fundamentalmente e na maioria das vezes contra a vontade da cúpula. Por isso, para não equivocar-se, as organizações do Partido e os militantes comunistas devem ter em conta sempre mais o que ocorre nas bases do que o que acontece nas cúpulas. E por-se resolutamente à frente da luta da classe operária e das massas populares, por suas reivindicações imediatas, econômicas, sociais e políticas, impulsionando a com força a unidade de ação. Os comunistas, como sempre, e os militantes comunistas devem ser consequentemente unitários: "unitários por dois".

Independência

XII

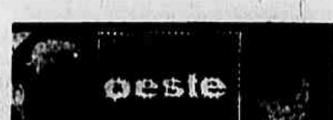
Nosso Partido, e com ele o mais avançado do movimento operário e popular, ao mesmo tempo que deve apoiar e apoiar as medidas progressistas do governo Illia, devem manter sua linha independente e propagar seus próprios objetivos programáticos, partindo de que só um governo verdadeiramente democrático, nacional e popular — no qual a hegemonia corresponda à classe operária em aliança com os camponeses — poderá concretizar as grandes aspirações históricas da classe operária e do povo, de bem-estar social, progresso, democracia, independência econômica e política, socialismo e paz.

A esse grande objetivo se chegará através da criação de milhares de Comitês unitários de luta e da formação de uma grande Frente Democrática Nacional, anti-oligarquica, anti-imperialista e pela paz.

QUEM ESTÁ promovendo a revisão da linha adotada em conjunto pelos comunistas de todo o mundo? Quem está se afastando das fontes criadoras do marxismo-leninismo?

No número 11 de PPS, Pedro Motta Lima responde a todas as questões essenciais das divergências suscitadas no seio do movimento comunista mundial.

PPS-Problemas da Paz e do Socialismo, revista teórica de estudos marxistas e de informação internacional, nas bancas, nas livrarias ou na Rua da Assembleia 34, salas 204 e 304. Rio (GB).



FUGA DO PARAISO

Continuam a atravessar as fronteiras que separam a RDA da Alemanha ocidental, todas as semanas, centenas de cidadãos. Estes, no entanto, não vão visitar parentes residentes na capital da República Democrática Alemã. Vão em busca de trabalho, de moradia e de paz. Numa só semana do mês de dezembro, 255 alemães residentes na RFA solicitaram auxílio às autoridades da RDA. Entre eles, havia 83 operários especializados. Somente de um Estado federado — Westfália Setentrional — provêm 91 desses 255 emigrantes. Resalte-se que desse Estado (centro da indústria da Alemanha ocidental) já partiram para a RDA, em onze meses, 4.391 cidadãos. Por outro lado, centenas de alemães que haviam deixado a RDA estão voltando: em seis semanas (dos meses de novembro-dezembro últimos) retornaram 635 pessoas.

POR QUE SAEM?

Embora a imprensa ocidental escondesse fatos, e também como é óbvio, as suas causas, de quando em quando alguma imprensa ocidental ("Christ und Welt", clerical) confessou que são insuficientes as instalações dos que dispõem de residência, para que possam hospedar os cidadãos sem domicílio. Estes — quem diz é o próprio semanário católico — são 300.000. É mais uma liberdade de que se orgulham os democratas de Bonn: a de não ter onde morar. Do outro lado da fronteira os cidadãos sofrem sérias restrições nesse sagrado direito: são obrigados a morar.

É MUITO INCIDENTE

Um porta-voz do Exército dos EUA disse, em Saigon, que 95 por cento dos problemas das autoridades militares norte-americanas no Vietnã do Sul consistem em obter o apoio da população rural vietnamita. Como se vê, isto não é uma declaração, é uma clara confissão do desprestígio dos Estados Unidos no país, bem como dos títulos que instalaram em Saigon. Mas o militar Ianque acrescentou que a força do Vietcong (patriotas que lutam pela libertação do Vietnã do Sul) tem aumentado "apesar das baixas, capturas e deserções". Só em dezembro — é o porta-voz ainda quem fala — houve 1.880 incidentes "provocados" pelas forças de libertação, "o que constitui o total mais alto até agora registrado nessa luta". Mais de 60 "incidentes" por dia. Até que um dia se dará o grande incidente.

FRONDIZI MENTIU



O petróleo continua fervendo na Argentina. Agora, o Sr. Alejandro Gómez, ex-vice-presidente (no governo Frondizi) acaba de rechaçar os argumentos do presidente deposto, acusando-o de entregar as companhias estrangeiras as melhores reservas petrolíferas. Disse ainda ser mentalmente incapaz de uma declaração de Frondizi, de que o

aumento na produção de petróleo se deve-se à sua política petrolífera. Gómez acrescentou: quando Frondizi diz que a Y.P.F. exporta subprodutos de petróleo, não diz ao povo que essas exportações significam uma perda de milhões de pesos, em virtude dos mesmos contratos que firmou, porque tem de exportar abaixo do custo. Enquanto eles brigam, as coisas vão ficando mais claras.

O ÓPIO DO POVO

A Cambódgia, como se sabe, renunciou à "ajuda" norte-americana. Faltando a respeito, o príncipe Sihanouk disse que a resposta desse "auxílio" foi, na verdade, uma catástrofe para os imperialistas orientais. Acrescentou, textualmente: "Sabemos que a ajuda norte-americana prestada com grande generosidade a nosso governo, a nosso Exército, a nosso povo e à nossa juventude é unicamente para embargar nossa administração e nosso povo e para incapacitar-nos de realizar a independência econômica, com a qual podemos garantir uma real política independente." Denunciou o princípio que "os EUA introduziam um pessoal extremamente numeroso no país, para influenciar nossa mente, subverter-nos, controlar-nos e impor-nos condições, sob o pretexto mentiroso de impedir-nos de entrar para o campo comunista, como disse o sr. Dean Rusk". Era na verdade — concluiu — uma dose de ópio.

PRESENTE DE NATAL

Houve em dezembro um sangrento choque entre latifundiários e camponeses da região de Urcos (província de Cuzco, Peru) de que resultaram 7 mortos e 21 feridos. Os latifundiários dispararam suas armas contra 500 indígenas que protestavam contra os abusos perpetrados pelo filho de um fazendeiro. A pressão dos camponeses obrigou as autoridades judiciárias a deter os assassinos, ao mesmo tempo em que prosseguiram e se intensificam os protestos contra o massacre. O governo mandou imediatamente ao local fortes contingentes policiais, para proteger os latifundiários. Convém salientar que o assassinato de camponeses deu-se exatamente no dia de Natal. Foi o presente de Festas do latifúndio.

PAZ SEM PERSPECTIVAS

As últimas notícias da Bolívia dizem que o presidente Paz Estensoro, temendo uma derrota nas próximas eleições, está caindo nos braços da direita. E procura indicar um candidato militar, para impedir a vitória das forças sindicais. Tudo indica que está em péssimo na Bolívia, mais uma gorila, diante da firme determinação dos mineiros e demais setores das classes trabalhadoras de impedir a abertura intervenção norte-americana nos negócios internos bolivianos. Quando um homem, que se diz revolucionário e esquerdista, dá uma guinada dessas, é sinal que lhe está faltando perspectivas.

Romênia no 16º Aniversário do Regime Democrático-Popular

Alberto Carmo

No dia 30 de dezembro de 1947, como consequência da fusão de todos os partidos políticos do centro e da esquerda, inclusive o heróico Partido Comunista Romeno, num único, o Partido Operário Romeno, o povo, tendo à frente o proletariado e seus aliados camponeses, assumiu o poder na Romênia, instituindo o regime democrático-popular, que trouxe profunda e irreversíveis modificações que elevaram o nível de vida de toda a população ativa e inativa.

Com a erradicação completa do analfabetismo e com a total execução de seus planos de desenvolvimento da economia nacional, a Romênia ocupa hoje um lugar de destaque entre os países industrializados, possuindo um bom índice de exportação.

Entre os ramos de sua indústria que estão se projetando internacionalmente se destaca a do petróleo, inclusive a construção de maquinarias, usinas de refino, de subprodutos, sondas, etc.

Recentemente, o governo romeno assinou um acordo para o fornecimento de 18 de suas potentes sondas, completamente equipadas e assistidas pelos seus técnicos, à PETROBRAS, no valor aproximado de seis milhões de dólares. Em contrapartida, o governo romeno importará do Brasil produtos de exportação, principalmente minérios da Companhia Vale do Rio Doce, estabelecendo, assim, bases sólidas para o imediato desenvolvimento, em ritmo acelerado, do intercâmbio comercial entre os dois países amigos.

A exploração do petróleo na Romênia, que já se processa há mais de um século, atinge, hoje, graças às medidas tomadas pelo atual governo democrático-popular, chefiado pelo antigo ferroviário Gheorghiu Deg, a índices nunca imaginados, dando-lhe um lugar importante entre os países que desenvolveram essa indústria.

Com as novas usinas, a reconstrução das antigas e a introdução dos mais modernos métodos de pesquisas e de refino, o rendimento do refino do petróleo em 1962 atingiu aos seguintes números:

	Milhões de Toneladas	Índice de Complexidade	Índice de aproveitamento da matéria-prima	Valor dos produtos extraídos de 1 ton. de petróleo
Benzina	20,5	2.384	125	100%
Petróleo e álcool branco	9,8	1.157	120	106%
Motolinhas	25,0	2.911	151	122%
Óleos superiores	1,2	147	153	125%
Óleos industriais	2,0	234	172	144%
Total dos produtos brancos	58,5	6.823	124	175%
Retorno	2,3	268		
Parafina	0,3	33		
Coque de petróleo	0,6	74		
Lubrificantes	0,2	21		
Gases liquefeitos	0,9	105		
Gases de refinaria	3,1	358		
Óleo combustível	33,8	3.955		
Outros produtos e perdas	3,0	353		
Total refinado	102,7	12.000		

Dêsse total, temos:

	%	Milhões de Toneladas	%
Petróleo	100,0	11.674	100,0
Gasolina	2,5	302	2,6
Outras matérias-primas	0,5	24	0,2

O progresso obtido no refino desses produtos se reflete, principalmente, na sua excelente qualidade, tornando-os muito procurados nos mercados consumidores internacionais. A percentagem de octanas nas benzinas é superior a 95 e os óleos possuem elevado índice de viscosidade.

Os progressos obtidos na indústria do refino de petróleo na Romênia podem ser aferidos pelos seguintes índices:

Ano	Índice de Complexidade	Índice de aproveitamento da matéria-prima	Valor dos produtos extraídos de 1 ton. de petróleo
1938	2,55	125	100%
1948	2,00	130	106%
1958	3,76	151	122%
1959	4,10	153	125%
1961	5,50	172	144%
1965 (previsão)	7,10	214	175%

Os índices de valorização da matéria-prima representam a relação entre o valor dos produtos acabados e o valor (custo) da matéria-prima. Os de complexidade foram calculados na base das quantidades refinadas em cada processo e na dos índices de complexidade dos processos utilizados em geral na literatura especializada.

Pode-se verificar o domínio exercido pelo capital estrangeiro na exploração do petróleo romeno, até 1945, pelo quadro anexo:

País	1906	1914	1921	1930
Capital invertido, em milhões de Iá	390	2.238	16.865	

Esse capital se distribuía:

País	%	%	%	%
Romeno	10	4,82	35,75	26,22
Inglês	—	16,15	16,85	20,62
Anglo-Holandês	30	15,84	10,10	16,21
Americano	—	6,87	9,29	10,10
Franco-Beiga	—	7,95	16,35	15,99
Alemão	60	33,33	—	0,38
Diversos	—	15,64	11,66	10,48
Total	100	100,00	100,00	100,00

Exibição: Mercado Abarrotado Com Filmes Estrangeiros

Anatole Franco

Anatole Franco foi, como vocês sabem, um ilustre escritor francês, que viveu de 1844 a 1924. Seu verdadeiro nome era Anatole Thibault. Ele adotou o pseudônimo de Anatole Franco possivelmente para capitalizar simpatias entre os seus compatriotas, conhecendo (como conhecia) o patriotismo destes.

Anatole Franco — como vocês também estão certos de saber — foi um fino estilista, muito erudito, cheio de ironia, inimigo feroz dos preconceitos e simpático do socialismo. Do ponto de vista das suas ideias em matéria social e política, foi o que se poderia chamar, em jargão moderno, um "burguês progressista".

Até a vinte anos atrás, os romances de Anatole Franco eram um bocado lidos no Brasil; e Anatole tinha uma pequena multidão de admiradores entusiasmados. Agora, os admiradores dele andam meio sumidos. E a crítica das novas gerações acha o velho Anatole meio ultrapassado.

A Revolta dos Anjos

Não vou defender aqui a tese de que o velho Anatole ainda continua a ser um bom feroz para iluminar o caminho dos jovens escritores. Qualquer pasávia — inclusive eu — pode perceber que os caminhos colocados para os escritores do nosso tempo precisam ser iluminados com luzes mais poderosas do que a do Anatole.

Mas a leitura de alguns dos romances do autor de *Thais*, segundo penso, continua a ser capaz de proporcionar momentos agradáveis.

E, como sei que vocês são pessoas ocupadas, que não têm tempo para ler as histórias de um autor "demodé" como Anatole, resolvi contar aqui o enredo do romance *A Revolta dos Anjos* de escritor. Assim, posso dizer à direção do jornal que está fazendo um trabalho de divulgação cultural e distrair um pouco o fato de que ando sem assunto.

Arcádio, e anjo rebelde

Arcádio, anjo da guarda encarregado de zelar por Maurício, amante da bela e frívola Gilberta, dedica-se mais à leitura dos livros escritos pelos homens e ao estudo da história da humanidade do que aos afazeres próprios da sua condição de anjo-da-guarda.

Entusiasmado com os progressos conquistados pelos homens, Arcádio compara a grandeza da luta dos homens com a pequenez da burocracia celeste e com a estreteza da mentalidade do Criador, chegando deste modo à conclusão de que era preciso promover, urgentemente, uma revolta contra Deus, destruindo-o.

Preparação da revolta

Os poucos, desenvolvendo intenso trabalho de proselitismo e organização, Arcádio conquista para o partido da revolta mais de cinquenta mil anjos-da-guarda em exercício na Terra. Constatada, porém, que o nível ideológico dos aderentes é muito baixo. Dispõe-se a ministrá-los lições de teologia, mas o dinheiro é escasso e as dificuldades são imensas. Entre os amigos

Satanaz é Convidado

Com o tempo, a situação se complica e tende a se deteriorar; Maurício fica muito magoado com seu ex-anjo-da-guarda quando descobre que Arcádio, seduzido pela bela e frívola Gilberta, havia se tornado amante desta.

Os anjos rebeldes vão procurar Satanaz para chefiar o exército que haviam constituído a fim de destronar Ialdabaoth. Satanaz recebe-os com impressionante serenidade, oferece-lhes frutas e mel e diz-lhes que já conhecia o motivo da visita que lhe faziam.

Lucidez do Diabo

Por fim, Satanaz recusa-se a aceitar o convite. Não porque tenha dúvidas quanto à vitória, mas justamente porque está certo de que venceria e teme as consequências do triunfo. "Deus, vencido, tornar-se-á Satanaz; Satanaz, vencedor, tornar-se-á Deus". Foi no convívio com os homens que Satanaz forjou o seu caráter, evoluiu, aprendeu, reviu as suas velhas concepções, enquanto Deus (Ialdabaoth), isolado no céu distante, permaneceu estacionário. De nada adianta destruir o rei e manter o trono; o que é preciso é destruir os efeitos da organização criada em torno do trono, tal como ela está enraizada em nós. E Satanaz termina, dirigindo-se aos anjos: "e em nós, simplesmente em nós, que devemos atacar e destruir Ialdabaoth".

Walter Ponto

4ª de uma série

O Brasil aparece no panorama da exibição cinematográfica mundial como um mercado de tamanho médio, com relativa importância, colocando-se, entretanto, em melhor posição em relação a outros mercados maiores, particularmente por sua potencialidade de crescimento em ritmo acelerado. Observamos os seguintes dados, como prova dessa afirmação: 1929 — 44.023.764 espectadores; 1930 — 87.003.202; 1949 — 185.668.090; 1958 — 352.132.968. — Constatamos, portanto, aumentos em mais de 90% em cada período de dez anos. Isso, abre imensas perspectivas para o nosso mercado exibidor. — A potencialidade desse mercado exibidor, entretanto, não está relacionada apenas com o número de espectadores — ano, mas, notadamente, com o número de ingressos oferecidos, isto é, com o número de poltronas disponíveis o que se obtém multiplicando o total das mesmas em todo o território nacional pelo número de sessões realizadas em determinado período. Escolhemos o ano de 1958, cujos dados são mais precisos, quando tivemos cerca de 650.000.000 de poltronas disponíveis. Ora, isso demonstra que o nosso mercado exibidor foi explorado apenas em cinquenta e poucos por cento. — Com estes dados, podemos concluir que o mercado brasileiro de exibição poderia dar um grande salto se pudéssemos aproveitar todo o seu potencial. Por exemplo, se

Mercado Abarrotado

Agora, uma passada de olhos sobre o número de filmes em exibição no mercado brasileiro. Podemos aceitar uma média anual de 760 filmes, sendo 40 de fitas nacionais, entre produção nova e reprises. Este total de filmes em exibição em nosso mercado é absolutamente exagerado, principalmente quando se sabe que a maioria é de películas estrangeiras. Apenas um exemplo de outro mercado exibidor muito parecido com o do Brasil, que é justamente o da França, com 372 milhões de espectadores — ano cujo número de filmes em circulação é de 425, sendo que desse total cerca de 110 são de produção francesa.

Desse confronto podemos concluir que a baixa rentabilidade de cada filme em exploração não é um fato de acaso. Não poderia ser de outra forma, pois se abarrotamos o mercado com um número exagerado de filmes, o dobro de sua capacidade ideal, é claro que a rentabilidade por cada título não pode ser boa. Seria que existe outra explicação convincente? Agora, chegou a hora de perguntar: onde entra a concorrência estrangeira, ou melhor, dos grandes produtores? resposta: exatamente aí, nessa dominação de nosso mercado por filmes vindos de fora, cujo preço de produção e lucro já foi coberto no próprio país de origem; depois de se produzir um filme, quanto maior número de cópias que se possa tirar melhor, pois o valor destas é muito pequeno, e o resultado que obtém nos mercados mundiais é praticamente lucro líquido. Em muitos países, o importador ou distribuidor de filmes estrangeiros, cuja mercadoria entrou no país quase de graça, não importa muito se um ou outro filme dá uma renda alta, o mais importante é que no total de seus filmes em circulação no mercado, se estabelece uma renda média, quase lucro líquido, que multiplicada por aquele total de seus filmes se obtém um volume importante de renda. Além disso o distribuidor da mercadoria estrangeira, com seu grande número de filmes oferecidos ao mercado, impede a entrada de outros filmes, principalmente de produto nacional, que tem de cobrir o seu custo

total de produção no mercado interno, pois ainda não dispõe de condições de concorrência mundial; bem entendido, condições econômico-financeiras, e não técnico-artísticas

Legislação

Convém conhecermos agora o que diz a legislação brasileira a respeito do mercado exibidor de cinema. Para o filme estrangeiro, o exibidor é obrigado a pagar ao distribuidor (representante do produtor ou importador) 40% da renda líquida da bilheteria; para o filme nacional, o exibidor paga a importância correspondente a 50% da renda líquida. Como se vê, até nisso, onde parece uma vantagem para o produtor nacional, observa-se uma desvantagem da película indígena junto ao exibidor, face ao filme importado, que oferece uma diferença de 10% a favor do exibidor. É lógico, que o cinema, propriedade de algum bom comerciante pouco interessado em fatores patrióticos, terá mais simpatia para quem lhe paga melhor.

Continuando o que diz a nossa legislação, chegamos na obrigatoriedade para exibição de filmes nacionais para cada número de estrangeiros. Em números reais de dias o negócio é o seguinte: cada cinema é obrigado a exibir anualmente filmes nacionais num total de 42 dias em cada ano. É a chamada lei do 8x1. — Há um movimento dos produtores nacionais para que essa proporcionalidade seja alterada de 8x1 ou mesmo 4x1. Na realidade, o Gelcine (Grupo Executivo da Indústria Cinematográfica) concluiu os estudos para propor ao Governo a alteração da obrigatoriedade de 42 para 56 dias por ano. Achamos essa proposta razoável e aceitável.

Preços

Finalmente chegamos à questão dos preços. Aí a coisa é um bocado confusa, isto porque a situação difere de um Estado para outro. Enquanto em São Paulo, os preços estão completamente liberados em virtude de ação judicial dos exibidores paulistas, com aparente "comissão" da antiga Cosp e atual Sunab, nos demais Estados os preços são regulados por antiga portaria da Copaf, que estipula uma categoria especial, com direito à liberação dos ingressos, com preços tabelados para categoria de 1.ª a 4.ª. Na verdade, o que ocorre, é que, por exemplo, no Rio, tudo quanto é cinema hoje em dia está na categoria especial cobrando o preço que bem entende. Aí não aparece ninguém para fiscalizar os cinemas; o Gelcine porque é favorável à liberação total dos preços; a Sunab, porque está baratinada com a confusão de preços nos gêneros de primeira necessidade. No final, o espectador, isto é, o povo, é quem entra bem. — Quanto ao filme brasileiro, também entra nesse labirinto; é que de acordo com a tal portaria da antiga Copaf, o produto nacional tem o preço liberado em qualquer categoria de cinema. Aí está outra armadilha. Explicamos: de duas manel-

ras somos atrapalhados nessa questão de preço, 1.º) o cidadão está habituado a frequentar o seu cinema por um preço X, de repente, o preço passa para 2X, o freguês então olha para o cartão e verifica que se trata de um filme nacional; primeiro raciocínio e comentário: "puxa! esse negócio de indústria nacional é sempre assim, fica logo mais caro"; 2.º) o exibidor em contato com o distribuidor, arranja um filminho brasileiro da pior qualidade, dos tempos dos abacaxis e das chanchadas, supercolorado, e joga-o em programa duplo com um filme estrangeiro, o que permite também liberar o preço; resultado: mais dinheiro para os importadores de filmes estrangeiros, desmoralização para o produto nacional, que já vai longe da era das chanchadas de baixo nível (há chanchadas boas). O circuito Severiano Ribeiro é mestre nessa molecagem.

Sugestões

E afinal cabe algumas sugestões para melhorar e ampliar o mercado exibidor brasileiro. Não aceitamos absolutamente a tese de que a elevação de preços seja determinante para a ampliação desse mercado. Já vimos que o mercado está sendo explorado em pouco mais da metade de sua capacidade real. Se aumentarmos os preços o que vai acontecer? É claro que o afastamento de espectadores das camadas mais populares de nossa sociedade. Por que, em vez de aumento de preços, não se limita drasticamente à metade ou menos, a importação de filmes impressos, o que duplicaria a rentabilidade de cada filme, nacional e estrangeiro? — Sabido como é, que metade dos municípios brasileiros não dispõe de cinemas, por que não se orienta as respectivas municipalidades para a construção e até exploração de seus cinemas, por que não se origina sugestões às autoridades de cinema do País e aos defensores da liberação de preços.

SANTOS: SOLIDARIEDADE A CUBA

Por intermédio de nosso leitor Francisco Garcez, de Santos, recebemos a importância de Cr\$ 23.000,00 para ser encaminhada ao governo cubano como solidariedade dos trabalhadores santistas ao povo irmão de Cuba, vítima do furoção Flora. Em carta que nos enviou, Francisco Garcez diz que aquela importância foi arrecadada em poucos minutos na porta do Sindicato dos Estudantes de Santos, quando ali se realizava uma assembleia.

Teoria

Prática

Por motivo de força maior deixa de sair hoje a seção de nosso companheiro Apolônio de Carvalho. Na próxima semana *Teoria e Prática* voltará as nossas colunas.

Sindicato Dos Trabalhadores Nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Porto Alegre

Sede própria: Av. Francisco Trein, 116 — Porto Alegre

MENSAGEM

A Diretoria do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Porto Alegre, envia a todas as entidades sindicais do Brasil e aos trabalhadores brasileiros de forma especial, sua melhor saudação e votos sinceros de um próspero ano de 1964.

Porto Alegre, dezembro de 1963.

José César de Mesquita — Presidente
Luis Vieira da Silva — Secretário-Geral
Toribio de Oliveira — Tesoureiro

Sindicato Dos Trabalhadores Nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Caxias do Sul

Caxias do Sul — Rio Grande do Sul

SAUDAÇÃO

Os metalúrgicos caxienses saúdam as entidades sindicais de todo o País e os trabalhadores brasileiros, desejando-lhes um 1964 cheio de vitórias nas lutas pelos direitos dos que trabalham e produzem e pela libertação de nossa Pátria da exploração imperialista e latifundiária. Durante o ano que ora se inicia, continuaremos dando o máximo de nosso esforço para que se expulsa de nosso País a miséria, a fome, o analfabetismo e a exploração do homem pelo homem.

Caxias do Sul, dezembro de 1963.

"Passagem Dos Inocentes"

Astrolábio Pereira

Este o sexto romance de uma série, projetada para dez volumes, em que Dalcídio Jurandir evoca certos aspectos da vida provinciana em momentos que coincidem com a sua própria vida. Não é uma história autobiográfica, mas a transposição romanesca de uma experiência vivida. — O menino nascido em família pobre, o pai branco e a mãe negra; o menino que vai crescendo e descobrindo o mundo, formando o seu caráter em contato com a gente e as coisas que o rodeiam; o menino que na sua ilha do Marajó e na cidade grande, Santa Maria de Belém do Grão Pará, vai construindo o seu mundo interior com as respostas que a vida vai dando, ao impacto de duras contradições, às suas interações e apreensões.

Passagem dos Inocentes revela o momento sobre todos perigoso das iniciações da puberdade a anunciar o fim das inquietudes da inocência e o afloramento de novas inquietações. O próprio "mundo" evocado no romance é um tremendo complexo de terras e gentes ainda em período de formação — a "Amazônia misteriosa" surgindo, gigantesca, do caos das águas e das florestas, e principalmente do caos social em que se acotovelam os descendentes de senhores feudais e de aventureiros, e de uma multidão de descendentes de índios e de negros escravos. Na massa mestiça de camponeses, pescadores, portuários, marítimos, artesãos, biscateiros, trabalhadores, gente miúda e insignificante, é o romancista a buscar os seus personagens principais — a massa miserável que borbulha em suas páginas. Os poucos personagens mais ou menos "bem", que a realidade mistura na história, estabelecem os contrastes instrutivos necessários à aprendizagem do menino.

Na escola ginásial de Belém experimenta o menino alguns de tais contrastes. A quase totalidade dos alunos é formada de filhos de gente enricada na borracha ou

em outros negócios ainda mais elásticos, mas o menino pobre põe em jogo a sua precocidade crítica e vai deslindando a meada das diferenças. Os métodos de ensino meramente livrescos — um ensino abstrato, arido, sem pé nas coisas visíveis e palpáveis — produzem na sua inteligência um fior um sentimento de desolação e inutilidade. Há também na escola uma professorinha bonita e provocativa, a despertar no rapazinho misteriosos e perturbadores encontros — e isto fornece ao romancista motivo para algumas de suas melhores páginas, em que se entrelaçam a evocação sentimental e a fina psicologia.

Abundante material folclórico, alusões e lendas, ditos e modismos regionais, rústicas festas populares com os competentes comes e bebes, ballaricos e brigas — tudo isso palpita planturosamente nas páginas deste romance. Tudo cheirando a malto e a maresia, um caótico borbulhamento do cotidiano viver, uma imagem vigorosa do povo que vive, luta e se multiplica às margens do rio-mar.

Na cidade de Belém, onde já se movimentam sindicatos operários, tem o menino ocasião de ver uma demonstração de massas, com ardentes oradores e faixas reivindicatórias, em luta designada contra raivosas forças policiais. O acontecimento, que se fixa para sempre em seus olhos adolescentes, inicia-o na compreensão de algumas coisas que antes não pudera compreender. Seu instinto o levava também a misturar-se com aquela rude massa de homens e mulheres que sofriam e lutavam contra o sofrimento. Descobria o fio — ainda tênue — de uma meada que lhe era impossível prever onde iria parar, mas já podia adivinhar ali os primeiros sinais de algo novo que os livros da escola não lhe ensinavam. O menino saía do isolamento, começava a sentir-se um entre muitos, alvorava nele a consciência do homem solitário.

nr romance

Um Dia na Vida de Ivã Denissovitch

Alexandr Soljenitsin

Tradução de B. Albuquerque

Depois de todos esses afazeres, Shukhov pôs-se a beliscar pouco a pouco seus duzentos gramas de pão, escutando ao mesmo tempo, ainda que sem o querer, o que conversavam em baixo o capitão e César enquanto comiam.

— Sirvase, capitão, sirvase sem acanhamento! Prove o peixe defumado. Tome salicidão.

— Obrigado, estou comido.

— Passe manteiga no pão. Autêntico pão branco! Pão de Moscou!

— Parece mentira, hein? Parece mentira que ainda façam um pão como este em algum lugar. Esta abundância repentina me recorda um caso. Uma vez cheguei a Arkhanguelsk...

Apesar de todo o ruído que faziam naquela metade do barracão durante tipos falando, parecia a Shukhov ouvir algumas batidas contra o trilho. Mas ninguém os ouviu. E Shukhov também não ouviu que entrara no barracão o Chitinho, um zelador jovemzinho, pequeno, de cara avermelhada. Trazia na mão um papel e, tanto por isso como por seu aspecto, parecia-se que não viera caçar os fumantes nem fazer sairnos para o pátio para a inspeção, mas para procurar alguém.

Consultando seu papel, o Chitinho perguntou:

— Onde está a 104?

— Aqui, — responderam-lhe. E os estonianos esconderam o cigarro e agitaram a mão para deslizar a fumaça.

— E o chefe?

— Que está acontecendo? — perguntou Tiurin de seu beliche, sem ter nem o trabalho de pôr os pés no chão.

— Escreveram à parte os que tinham ordem de fazê-lo?

— Estão escrevendo — respondeu Tiurin sem vacilar.

— Já deviam ter entregue.

E gente que mal sabe escrever. Custalhes muito trabalho. (Dir isso falando de César e do capitão. Este chefe de equipe vale qualquer coisa. Nunca se perturba.) Não há caneta, não há tinta.

— Pois devias tê-las, Tiurinas!

— Bem. Vamos deixar de respostas se não quiseres experimentar a cela — interrompe sem malícia o Chitinho. — Que as partes estejam amarradas no corpo de guarda antes da formação! E com a iniciação de que todos os pertencentes que não são do regulamento foram entregues ao depósito de objetos pessoais. Entendido?

— Entendido.

(Salvouse o capitão?, pensou Shukhov. Mas o capitão, nem percebeu nada, postos agora os cinco sentidos no salicidão.)

— Outra coisa — diz o zelador. — Está em tua equipe o SCH-31?

E preciso ver a lista — replica o chefe da equipe, ganhando tempo. — Quem é capaz de lembrar todos esses números do diabo! (Tudo isso é de dizer para ver se pode salvar Butovski pelo menos essa noite, ganhando tempo até que venham inspecionar.)

— Butovski! — grita o zelador.

— Hein? Presente! — responde o capitão, assomando por baixo do beliche de Shukhov, onde estava oculto.

Sempre acontece o mesmo: o piolho que muito corre é o primeiro que cai.

— És tu? Sim, exato, o SCH-31. Já para fora!

— Aonde?

— Sabes muito bem.

O capitão não pode reprimir um suspiro. Certamente que lhe era mais fácil conduzir uma esquadra de torpedeiros, em meio ao mar tormentoso, do que interromper agora aquela conversa para ir para a cela gelada.

— Quantos dias? — pergunta com voz apagada.

— Dez, venha, venha! Rápido!

E nisso gritam os que estão de serviço:

— A inspeção! A inspeção! Todo mundo para fora!

Quer dizer que já está no barracão o guarda que mandaram para a inspeção.

Hesita o capitão em levar o casaco. Mas de qualquer forma o tirador lá, deixando-lhe somente o paletó. O melhor é sair conforme está. Com a esperança de que dele se esqueça Volkov! (Uns Volkov! Nunca se esquece de nada), o capitão não se preparou e nem mesmo escondeu um pouco de fumo no paletó. Porque levava assim à mostra é inútil. Tiramos na primeira revista.

De qualquer forma, enquanto põe o gorro, César lhe dá um par de cigarros.

— Bem, rapazes, adeus! — diz o capitão com um aceno ausente despedido-se da 104, e acompanha o guarda.

Respondendo-lhe algumas vezes dizendo-lhe que tenha ânimo e que não se deixe abater. Que mais se poderia dizer-lhe? Os da 104 também sabem o que é o BCR porque eles o construíram: paredes de pedra, chão de cimento, sem janela nem estufa; a temperatura exata para que se derreta o gelo das paredes e forme poças no chão. Para dormir, uma tábuas mas; por comida, trezentos gramas diários de pão, se é capaz de confiar-lhe os dentes e uma estufada de sopa cada três dias; no terceiro, no sexto e no nono.

Dez dias! Dez dias nessa cela, cumprindo-os rigorosamente até o final, bastam para deixar alguém sem saúde pelo resto da vida. Apesar a tuberculose, e aí viverá de enfermidade em enfermidade.

E quem passa quinze dias de regime rigoroso, esse vai para o buraco.

— Todo o mundo para fora! — grita o chefe do barracão. — Vou contar até três. Quem não sair na terceira, anoto o número e entrego ao cidadão guarda.

O chefe do barracão é mesmo um chefe de bandidos. De noite, encerramos no barracão, igual a todo o mundo, mas se finge de chefe e não teme ninguém. Ao contrário, são os outros que tem medo. Denuncia uns aos outros, a outros provoca. É considerado inválida porque lhe falta um dente que lhe arrancado numa briga. Mas tem um fôlego repugnante. E é o que me preocupa, pois é um bandido. Veio bater com os costados neste campo porque, entre outros artigos, encurtaram-no também no 58/14.

E muito capaz de anotar os números dos prisioneiros em um papel para entregá-lo ao guarda. E já se sabe: dois dias de cela com saída para o trabalho. Até agora o pessoal lá muito devagarzinho para a porta, mas logo entra as pressas. Os dois

beliches de cima saltam como urso. E todos querem passar ao mesmo tempo pela porta estreita.

Com o desajeitado cigarro na mão, Shukhov saltou de seu catre, enfiou os pés nas botas de feltro e se dispôs a andar, mas teve pena de César. Não que quisesse tirar-lhe alguma coisa, mas simplesmente porque lhe deu pena. Por muito que César acreditasse nisso, não entende absolutamente nada da vida: uma vez recbia a encomenda, o que devia ter feito era levá-la imediatamente ao depósito antes que chegasse a inspeção, em vez de ficar remexendo nela. Deixando de lado o que pensava com certeza, teria tudo arrojado. Agora, em compensação, que faz César com tudo isso? Sair com o saco inteiro? Porcaria! Quinhentos cigarros ruidosos dele! Largar? Correr o risco de que lhe surtiria algum o primeiro que entre no barracão depois da inspeção. (Em Ust. Uma aula era pior: quando voltavam do trabalho, os comunistas se adiantavam e, quando chegavam os outros, encontravam as mesquinhas vestes.)

O polbo César queria agora esconder as coisas, mas já era tarde. Quando o salicidão e o tomolmo embasado do pátio para salvar pelo menos isso.

Então, Shukhov, comungado, explicou-lhe.

— Fica aqui, César Markovitch, até o minuto instante. Entende naquele canto escuro e espera que todos saiam. E sai somente quando o zelador e os da guarda começarem a inspecionar os beliches e olhar em todas as partes. Diz que está enfermo. Enquanto isso, serrei o número a sair à rua e também o primeiro a voltar. E o melhor...

E se afastou apressado.

De princípio, devia trabalhar a Shukhov abrir caminho (levava o cigarro na mão, com muito cuidado) no corredor, comum para ambas as metades do barracão e no saguão, ninguém procurava avançar. Quando que é a gente! Também se colou às paredes em duas filas, à direita e à esquerda, deixando somente um espaço no meio para que passasse uma pessoa, como se dissesse: que saiam para o frio os outros, porque nós ficamos aqui. Depois de ter passado o dia inteiro na rua, vamos gelar-nos agora dez minutos mais? Não somos tão cretinos! Arrebatando-lo hoje que eu esperarei por amanhã.

Ha vezes em que Shukhov também se cola assim à parede. Mas agora sai a grandes passadas e adem disso zombando:

— De que tem medo, molengas? Do frio Siberiano? Vamos tomar o sol dos beliches! Homem, fique logo!

Acende o cigarro no saguão e sai. Na terra de Shukhov às vezes chamam a rua de barracão de "sol dos beliches".

(Continua)



As fotos mostram dois aspectos da grande concentração de camponeses em Itapororoca, na Paraíba.

Paraíba

Despejo de Camponeses Tira o Sossêgo Dos Latifundiários



João Pessoa — (Do correspondente) — Milhares de camponeses marcharam incorporados dia 15 para a cidade de Itapororoca onde realizaram comício protestando contra o despejo de 25 famílias que moravam e trabalhavam na fazenda Sobrado, latifúndio do município.

Há cerca de quatro meses, a proprietária da fazenda, Creusa Cartaxo, despejou de suas terras, cuja área é superior a 5.000 hectares, 25 famílias aí radicadas há muitos anos.

O despejo nessa fazenda situada na zona mais fértil do Estado, fez-se para transformá-la em pastagem, o que também vem sendo feito em outras, de vez que é mais cômodo para os latifundiários — que residem quase sempre nas cidades — apenas supervisionar o trabalho dos vaqueiros — muitas vezes seus capangas — e seus auxiliares.

Violência
Ato de desumanidade caracterizaram o despejo. Velhos e crianças, em meio a gritos de desespero, foram arrastados à força para fora dos casebres por policiais e capangas armados.

Com o fato já consumado, a Federação das Ligas Camponesas providenciou caminhões para trazer os despejados — cerca de 200 pessoas — para a Capital a fim de apelar às autoridades, inclusive o governador, para que dessem abrigo e alimentos por alguns dias, enquanto se providenciava a desapropriação das terras.

No dia 30 de outubro, depois que esteve no local o próprio superintendente da SUPRA, João Pinheiro Neto, o *Diário Oficial* publicava o ato de desapropriação.

Isso, porém, serviu apenas para redobrar a fúria dos latifundiários, que passaram a desencadear intensa violência, aumentando o número de despejos.

As violências se manifestaram também com a prisão de vários camponeses, até sem nenhum motivo. O próprio presidente da Liga local, Joaquim Pessoa, foi preso sob a acusação de que agredira o prefeito Rubio Maia.

Subornada a polícia — duas casas para o sargento, vacas para os soldados, etc. — os fazendeiros passaram a agir com enorme arrogância, entrando na cidade ostensivamente armados, inclusive com armas privadas, das Forças Armadas, e dando ordens diretamente aos policiais, que só de uma feita prenderam os camponeses que pacificamente entravam na cidade.

Concentração

Diante disso, a Liga de Itapororoca resolveu promover uma grande concentração, convidando os companheiros de outros municípios a que participassem.

Na tarde de 15 de dezembro começaram a chegar à cidade, vindos dos mais distantes pontos, camponeses trazendo camponeses que vinham prestar solidariedade aos camponeses de Itapororoca. Com eles vieram também vários líderes sindicais e estudantes, inclusive portuários de Cabedelo.

A massa foi se concentrando nas proximidades da cidade, enquanto a Comissão de Sindicalização seguia na frente para providenciar a fundação do Sindicato Rural.

As 4 da tarde, depois da entrada triunfal da massa, entre vivas e palmas da população de Itapororoca, teve início o comício, usando da palavra, entre outros, o deputado Assis Lemos, Leonardo Leal, vice-presidente da Federação das Ligas, o líder estudantil Elói Firmínio, um líder portuário e o prefeito de Rio Tinto operário Antônio Fernandes.

Quando terminou o comício, o deputado Assis Lemos conclamou os presentes a marcharem até a fazenda Sobrado, já pertencente aos trabalhadores. Mais de 3.000 pessoas rumaram então para o local dos despejos, vindo, no trajeto, os antigos casebres dos trabalhadores derrubados por tratores por ordem dos latifundiários.

Ao chegar a massa à sede da fazenda, o administrador, que participava ativamente das violências, tratou de fugir, largando as panelas no fogão. Depois de muitos vivas e foguetes, os manifestantes, contendo o ódio acumulado em anos de sofrimento, voltaram a Itapororoca na maior ordem possível.

Não demoraram os jornais reacionários, contudo, em publicar que um grupo de bandidos havia invadido uma propriedade privada, tudo depredando, ameaçando o sossêgo dos proprietários.

O sossêgo está acabando, do mesmo modo que acabaram os latifúndios.

GARTA-APÊLO AOS FUNCIONÁRIOS

"Esta carta-apêlo não tem outro fim sendo chamá-los à luta por melhores salários, ordenados e vencimentos mais justos e mais equânimes, por uma vida mais digna e menos dolorosa e do Executivo e do Legislativo, exigirmos o que nos é devido e que acima de tudo respeitamos e obedecemos as leis" — diz o sr. Afonso Pessoa em sua conclamação aos servidores do Departamento Nacional de Endemias Rurais.

Adiante, destaca que, enquanto algumas categorias receberam os benefícios da lei, sendo melhor aquinhoadas, o mesmo não se verificou com os funcionários do DNERU, não obstante estarem sob a proteção das mesmas leis: "mandamos apertar mais o cinto; empurrarmos cada vez mais para as bordas da miséria, liquidando-nos física e moralmente. Procuram de qualquer maneira afixar-nos. A vida se nos torna assim horrivelmente dura, cruel, atroz. Dai se conclui, colegas, que a classe dos denegados está luxurável e fatalmente condenada à miséria e à ruína, enfim, à morte".

O sr. Afonso Pessoa aponta o caminho para que saiam dessa situação insustentável: a união de todos, dos omissos e acomodados, porque continuar alheios "é concordar com e aceitar este estado de coisas e, por conseguinte, estar contra os nossos próprios interesses. Não admitamos, colegas, que sejam relegados a plano secundário os nossos insistentes reclamos, os nossos essenciais direitos".

"Urge, pois, de nossa parte, pressionar o Executivo e o Legislativo para que deem à nossa causa uma solução urgente".

"Inegavelmente, colegas, somos uma força ponderável, mas se essa força não formar elo com outras correntes, não estiver irmanada a outras classes — ferroviários, marítimos, portuários etc. — não poderemos pôr termo a esta situação de descalabro".

Sem que todos os colegas se mobilizem — afirma a seguir o sr. Pessoa —, em todo o Brasil, através de assembleias, passeatas, protestos por telegramas, abaixo-assinados etc., não poderão fazer avançar sua situação e, simultaneamente, forçar a aprovação da classificação, da paridade, da escala móvel de salário, do risco de vida e saúde, do triênio, do 13.º mês de vencimento e de níveis mais elevados de salários.

"Finalizando, colegas, a nossa luta não deve limitar-se apenas e unicamente a melhorias de vencimentos etc.; é preciso, acima de tudo — se é que desejamos realmente emancipar-nos e alcançar um desenvolvimento social à altura de uma vida digna, honrada e civilizada — é preciso que lutemos por libertar o país do jugo do imperialismo e do latifúndio, causa do empobrecimento, da miséria e da ruína do povo e das grandes massas trabalhadoras".

TEATRO PARA O POVO

"Uma velha discussão entre intelectuais é aquela que diz respeito à 'arte pela arte' versus 'arte participante'".

Não acreditamos que nenhuma dessas duas correntes possam entrar em conciliação; são irremediavelmente opostas e para elas não existe um denominador comum.

Ao repórter não cabe o direito de entrar na controvérsia, embora tenha sua opinião formada sobre o assunto. Por isso é que apenas se limitou a fazer as perguntas a que Ramiro Mota, acadêmico da "Escola de Teatro da Universidade da Bahia", respondeu refletindo o pensamento dos novos artistas de Salvador — os quais, em sua maioria, são partidários de uma arte de eletiva participação social.

Poderíamos citar, como exemplo dessa participação, o "Bumba-Meu-Boi" que o CPC de Salvador apresenta sempre com sucesso. Esse "Bumba-Meu-Boi" é um modelo típico do que pretendem fazer os novos artistas participantes: um teatro de povo, pelo povo e para o povo.

Mas vejamos o que diz Ramiro. Perguntamos:

— Qual o sentido do novo teatro da Bahia?

R. — O novo teatro da Bahia, como também o novo teatro do Brasil, sobressaindo-se sobretudo o Teatro Popular de Pernambuco, tem objetivos comuns: levar ao povo sua menagem revolucionária e em seu fundamento específico fazer a politização das massas camponesas e operárias, nas quais estão o sentido da revolução brasileira, ora em andamento. Sem elas esclarecidas seriam inúteis todos os nossos trabalhos pela emancipação econômica de nossa pátria. Enfim, esclarecer revolucionariamente o povo e o sentido do novo teatro que surge em nossa Bahia e em nosso país.

— A quem se dirige o novo Teatro?

R. — Dirige-se ao camponês, ao operário e ao povo fundamentalmente. O Teatro feito e dirigido para as elites dominantes, está chegando ao fim e a cada dia que passa sentimos a sua ausência, o seu fracasso, a sua morte. E esperamos apenas o dia de sepultura para que nunca mais ressuscite. Em entrevista concedida ao semanário NOVOS RUMOS, o teatrólogo Dias Gomes, autor de "O Pagador de Promessas", esclarece bem este assunto, quando afirma que escreve para o povo e todo Teatro deve ser feito para ele. Esta também é a nossa opinião.

— Como surgiu e onde tem atuado?

R. — Surgiu com o processo revolucionário e com a evolução da História e somente a eles tem servido de instrumento. Ter atuado de forma preponderante em todo o Estado da Bahia, principalmente no interior, onde já foi levado nas principais cidades, através do Centro Popular de Cultura (CPC), que engloba universidades não só da Escola de Teatro, mas da maioria das escolas de arte aqui existentes.

— Como é aceito e qual a influência que exerce sobre o povo esse movimento de arte?

R. — Como trata da causa comum do povo brasileiro pela sua libertação, o Novo Teatro é aceito com entusiasmo pelas massas, que o aplaudem constantemente. Sua influência exercida sobre o povo tem sido concreta, olhando-se o avanço da politização entre as classes trabalhadoras, que, através deste movimento de arte pura, tomou consciência do seu papel histórico nos caminhos da humanidade, pelas conquistas de paz e igualdade entre os povos.

— Qual a sua mensagem aos artistas novos de todo o Brasil?

R. — Que se integrem conosco neste glorioso movimento de esclarecimento popular, em prol da revolução brasileira e da felicidade do nosso povo, há tanto tempo maltratado e espoliado. (De Wilson Afonso — Salvador)

A MORTE COMO TESTEMUNHA

Dizendo-se leitor e admirador de NOVOS RUMOS, o sr. Fernando Maciel (de Fortaleza) enviou-nos o seu artigo sob o título acima, extraído do ensaio *O Socialismo no Campo e a Revolução Brasileira*. "que escrevi no início de 1963, mas que só as traças e percevejos conhecer, porque a liberdade de publicação não se tem, apesar de vivermos no 'mundo livre'". Do seu trabalho, destacamos os seguintes trechos:

"Por organizar companheiros para a luta pela posse legítima da terra, por justiça no campo e contra a servidão, como tantos outros, o líder paraibano João Pedro Teixeira foi barbado e covardemente aniquilado por balas traçoceiras dos capangas do latifúndio. Mas este crime selvagem não ficaria impune, como não ficariam outros praticados contra os heróicos camponeses. Não merece castigo um bravo que luta por todos, pela justiça, pelo direito e pela liberdade; ao contrário, merece um prêmio".

"O latifúndio oprime milhões de camponeses no Brasil, obrigando ao trabalho forçado, em troca de fome e de miséria, os conformados e os que ainda vivem das palavras do Padre, e da morte daqueles poucos que não caíam e não se sujeitam à servidão, à fome desumana e ao sofrer sem fim".

"Hoje, enfrentam os camponeses as balas do latifúndio com a palavra, com a manifestação pacífica e com o ódio escondido: amanhã, porém, igualmente empunharão tochas, suas próprias foices, fuzis, e só se aquietarão quando estiverem todos os carraços de hoje reduzidos ao nada".

CORRESPONDÊNCIA

— ARMILDO AMADO (Ce.) — Recebemos o artigo publicado no "Correio do Ceará", de ataque contra o governador Milton Arraes. Estudaremos a possibilidade de atender ao seu pedido e retribuirmos-lhe os votos de um feliz Ano Novo.

— FERNANDO MACIEL (Ce.) — Escreva para o Instituto Cultural Brasil-URSS (Av. Franklin Roosevelt, 194, 3.º andar — GB), que lhe prestará as informações que deseja.

— ROQUE TAVARES (RG) — O sr. Apolinário de Carvalho, colaborador de NOVOS RUMOS, ainda não tem nenhum livro publicado.

— LUIZ DE ROSSI (SP) — Envia-nos a folha corrida que foi juntada ao pedido de registro do sr. Bernardo Severiano da Silva, candidato às eleições de 13 de outubro próximo, o que posteriormente foi impressa e distribuída, em forma de manifestação, ao eleitorado da cidade de Marília.

Metaúrgicos Lutam em Volta Redonda

A foto acima é um aspecto parcial dos presentes (mais de seis mil) à maior assembleia de metaúrgicos já realizada em Volta Redonda, no decorrer da luta em que se empenham por melhores condições financeiras.

Além do aumento de 50% nos salários, com um mínimo de 20 mil, re-

clamam os trabalhadores da Companhia Siderúrgica Nacional o salário-família de 4 mil cruzeiros por dependente, férias de 30 dias pagas em dobro, transformação dos cargos isolados em cargos de carreira e outras vantagens menores.

O Sindicato dos trabalhadores em Carris Urbanos de Campos saudou todos os seus companheiros e suas famílias, bem como os trabalhadores de todo o país, desejando que 1964 seja um ano que marque a consolidação da unidade da classe operária no Brasil, e de vitórias nas lutas pelas reivindicações do povo brasileiro. A todos os companheiros, este Sindicato expressa a convicção de que nada deterá a marcha do povo brasileiro pela sua emancipação.

a) Kucenas Pereira, presidente.

MENSAGEM DE ANO NOVO

O SINDICATO DOS TRABALHADORES DA SAEC DE CAMPOS, deseja aos seus associados e ao povo brasileiro em geral um FELIZ 1964, que assinala grandes progressos em nossa luta pelas Reformas de Base, por medidas que realmente golpeiem a espoliação imperialista e a estrutura feudal latifundiária em nosso País, causas fundamentais do atraso e da miséria em que vivemos.

Ass.) Elson de Souza Oliveira — Presidente

UNIÃO NACIONAL DOS SERVIDORES PÚBLICOS

Seção de Campos — Estado do Rio

A Seção de Campos (RJ) da União Nacional dos Servidores Públicos, no ensejo do início de um Ano Novo, transmite a todos os funcionários públicos e a suas famílias a sua fraternal saudação, expressando o desejo de que 1964 seja marcado por novas vitórias em nossas lutas. As conquistas obtidas no ano que se findou deverão ser consolidadas e ampliadas. A UNSP — Seção de Campos — ressalta que a unidade de todos os servidores teve seus reflexos positivos em importantes vitórias, como sejam a conquista do 13.º mês, o salário mínimo de Cr\$ 21.000,00, mais 70% a vigorar a partir de 1.º de janeiro de 1964, as conquistas do pessoal da Prefeitura de Campos e do IAA, além do enquadramento como funcionários.

Essa mensagem se estende, também, aos demais setores da classe trabalhadora, cuja solidariedade tem uma importância decisiva na solução de nossas mais sentidas reivindicações.

Ass.) João Bento Leite — Presidente.

SINDICATO DOS CONDUTORES DE VEÍCULOS RODOVIÁRIOS DE CAMPOS

Formulamos os votos de um feliz 1964 a todos os nossos associados, extensivos às demais categorias profissionais de Campos e ao povo brasileiro.

Que neste novo ano os trabalhadores conquistem grandes vitórias em sua luta pelas Reformas de Base e manifestem seu integral apoio ao Comando Geral dos Trabalhadores, nosso órgão máximo de representação.

Neste ensejo, conclamamos os trabalhadores fluminenses em particular a prestigiarem o III Congresso dos Trabalhadores do Estado do Rio — a realizar-se no Estádio Caio Martins, dias 15, 16 e 17 de maio, em Niterói — e apoiarem a Declaração Política do III Encontro dos Trabalhadores Fluminenses, em Friburgo.

(as.) Delcio Gomes — Presidente

FELIZ ANO NOVO

São os votos do SINDICATO DOS TRABALHADORES NA INDÚSTRIA DE CONSTRUÇÃO CIVIL DE CAMPOS a todo o povo brasileiro, a que juntamos as nossas esperanças de que o ano de 1964 assinala a conquista das Reformas de Base tão necessárias à nossa libertação do jugo imperialista e do latifúndio.

Nosso SINDICATO espera também que os trabalhadores fluminenses reafirmem neste ano o seu apoio ao CGT e prestígio do III Congresso dos Trabalhadores do Estado do Rio, a ser realizado em maio próximo — dias 15, 16 e 17 — no Estádio Caio Martins, e a Declaração Política do III Encontro dos Trabalhadores Fluminenses, em Friburgo.

Ass.) Ilton Catarino — Presidente

Sindicato dos Empregados em Comércio Hoteleiro e Similares de Fortaleza, deseja aos seus associados e seus familiares BOAS FESTAS e um FELIZ ANO NOVO e que seja extensivo a todos os trabalhadores brasileiros.

Antônio Cauby Damasceno — Presidente
Francisco Marcelino de Medeiros — Secretário
José Ferreira da Silva — Tesoureiro.

Aumento de 100% do Salário Mínimo é Exigência Que Não Pode Ser Adiada

CANTO DE PAGINA — emoldo

"Falem de nós"



Mensagem de Prestes a Mau Tsé-tung

A propósito do septuagésimo aniversário do camarada Mau Tsé-tung, o camarada Prestes enviou a seguinte mensagem àquele conhecido dirigente do Partido Comunista e do povo chinês:

«Rio de Janeiro, 26 de dezembro de 1963

Ao camarada Mau Tsé-tung, eminente chefe do povo chinês e dirigente da revolução chinesa, enviamos, ao ensejo da passagem de seu septuagésimo aniversário natalício, nossas felicitações calorosas, formulando os melhores votos de êxito ao heróico povo chinês que, sob a direção do Partido Comunista da China, constrói a nova sociedade socialista. Reiterando nossa admiração pela rica experiência revolucionária do Partido Comunista da China, queremos reafirmar, nesta oportunidade, que tudo continuaremos fazendo pelo entendimento fraterno dos comunistas chineses e brasileiros, pela constante amizade entre nossos povos, bem como pela unidade do movimento comunista mundial, condição indispensável à salvaguarda da paz mundial e à vitória do comunismo no mundo inteiro. Recebei com nossos votos de saúde e muitos anos de vida, nossas saudações cordiais.

Pelos comunistas de todo o Brasil,

Luiz Carlos Prestes».

O aumento do salário mínimo deve ser de 100 por cento e precisa sair com urgência: é o que decidiram os líderes dos trabalhadores e é o que já exprimiu até mesmo o ministro do Trabalho, sr. Amauri Silva. Esse aumento é reclamado pela maioria esmagadora dos trabalhadores brasileiros, que ainda recebem o salário escorchantemente baixo, de menos de 21 mil cruzeiros, que é o salário mínimo atual; em algumas regiões, pois há regiões onde se paga menos de 18 e até menos de 15 mil cruzeiros como salário mínimo.

Se decidirem desancendar, com toda energia, o movimento de pressão geral e maciça dos trabalhadores sobre o Governo Federal para dêle obter a instituição de novo salário-mínimo, com um aumento de cem por cento sobre o agora vigente, as organizações dos trabalhadores concluíram da necessidade de se proceder, simultaneamente ao aumento, a um novo rezoamento, que signifique a extinção do número absurdo e gerador de desigualdade de salários entre regiões, e uniformize o salário mínimo em todo o Brasil.

Não dá

É claro que o aumento de 100 por cento não é su-

ficiente nem mesmo para dar ao salário mínimo um aumento um poder de compra equivalente ao do salário mínimo de um ano atrás: o salário mínimo vai ser aumentado em 100 por cento, mas os preços subiram, até agora, em uma média de 130 por cento — e vão subir muito mais, logo depois de instituído o novo salário-mínimo. E isso significa que o futuro salário mínimo, que os trabalhadores estão reivindicando neste momento, já vai surgir esvaziado — será um aumento fictício.

É por isso que a luta pelo aumento do salário mínimo deve ser ligada à luta pela instituição da escala móvel de salários, que possibilitará uma relativa aproximação entre a subida dos preços e o aumento dos salários.

Dados

A realidade sobre o aumento dos preços durante o ano de 1963, não admite nenhuma dúvida sobre a necessidade imperiosa do aumento de 100 por cento para o salário mínimo, incapaz de restabelecer sequer o padrão aquisitivo de um ano atrás.

O leite "in natura" passou de 40,80, em 1.º de janeiro de 1963, para 95 cruzeiros; sofreu um aumento de 133%.

O queijo passou de 450

para 1100 cruzeiros: 145% de aumento.

A manteiga passou de 450 para 1200 cruzeiros: aumentou em 167 por cento.

O peixe fresco custava em 1963, 150 cruzeiros e agora custa 400; o aumento ocorrido foi de 167 por cento.

Carne de boi: de 360 pulou para 720 cruzeiros, subindo em 100 por cento. Carne de segunda qualidade subiu em 108 por cento. O bacalhau custava 400 e agora custa 1100 cruzeiros: o aumento foi de 130 por cento.

O preço dos ovos era de 150 e atualmente é de 300 cruzeiros: aumento de 100 por cento.

Os legumes subiram de 50 (preço médio de diversos tipos) para 120 cruzeiros, sofrendo um aumento de 140 por cento.

O pão, que custava 65 cruzeiros, custa hoje 160 cruzeiros.

O açúcar, de 51, passou a custar 103 cruzeiros.

Esses dados bastam. Referem-se a artigos de primeira necessidade: indispensáveis. Cigarro, que não é de primeira necessidade, subiu em 150 por cento.

A reivindicação de aumento de 100% no salário mínimo, levantada pelo movimento sindical, com o QOT à frente, é uma exigência cujo atendimento não pode mais ser objeto de proteções.

Encontro no último número recebido da revista "Mulheres do Mundo Todo", uma reportagem que traz em si tanta dor que sinto-me na obrigação de comentá-la. Duas senhoras da Federação Democrática Internacional de Mulheres foram a Portugal para ver, no local, como vivem as mulheres antifascistas daquele país submerso há trinta e cinco anos num regime ditatorial de lama e sangue. É um documento pungente, realista. Quando se abre, para as duas mensageiras da paz e da esperança, a primeira porta são recebidas por olhos esbugalhados, olhos cansados de chorar mas cheios de orgulho por lutar. Elas pronunciam baixinho o que são e a portuguesa murmura repetindo Federação Internacional de Mulheres. Segue-se o contar de tudo o que essas mulheres têm sofrido. Algumas estão com maridos presos há muitos e muitos anos e uma delas tem a certeza de não vê-lo nunca mais. Todas as vezes que se aproxima o momento de terminar a condenação, ela é prorrogada por solicitação do juiz do Ministério do Interior. "Quando essa mulher nos falava — contam as emissárias da F.D.I.M. — seu olhar era lícido e sua boca sorria. Foi a nossa presença que fé-la sorrir diante da esperança".

A advogada italiana Maria Rugginini e a jornalista francesa Gillette Ziegler, as duas mulheres que levaram as portuguesas o apoio e a solidariedade dos milhões de mulheres do mundo inteiro organizadas na Federação Democrática Internacional de Mulheres, trouzeram de Portugal um apelo. Dizem as antifascistas daquele país: "Falem de nós, escrevam em seus jornais, façam tudo quanto for possível para que todas as mulheres saibam como vivemos. Falem de nossa história, de nossa luta e de nossas lágrimas, mas não mencionem nossos nomes. O perigo é muito grande". Esse apelo caiu profundamente dentro de mim, como caiu no de todas as mulheres do mundo. Sim, falamos dessas gloriosas lutadoras portuguesas; se força não tivermos para auxiliá-las na conquista da liberdade e do direito à vida, à família, ao sorriso e à alegria, que ao menos elas saibam que estamos junto delas, sentindo os seus sofrimentos e bradando, gritando, protestando contra o monstruoso regime salazarista. Falaremos de vocês, mulheres portuguesas antifascistas, com a ternura e o entusiasmo que vossa coragem inspira. Na certeza de vossa vitória.

Reclamar Água no Rio dá Cadeia

Protestando contra a falta de água que vem assolando a Guanabara, particularmente Copacabana, um grupo de jovens resolveu na noite de sábado, dia 4, realizar um pichamento nas árvores daquele bairro. Não pintavam nada contra nem a favor de ninguém, simplesmente pediam ÁGUA, e essas eram as quatro letras que deixavam nas árvores e nos postes. O movimento foi ganhando a ajuda de alguns populares, que resolveram colaborar na pichação, até que numa verdadeira "batalha" surgiram dezenas de policiais embriagados, os berros e safares que levaram os jovens, funcionários do Distrito Federal.

História

A princípio, o grupo pensava tratar-se de um mal entendido. Entretanto, no ambiente de um distrito policial puderam compreender até que ponto chegou a paranóia do laceradismo. Quem propôs o pichamento foi o administrador Regional de Copacabana, sr. José Dias Lopes, que sem a mínima preocupação ou limpeza de vocabulário entrou na delegacia, de revolver na mão e aos gritos, dizendo que se não estivesse jantando com a família teria matado todo o mundo, pois ele era homem suficiente para matar até o Presidente da República e os deputados do PTB, pois tinha toda a confiança do sr. Carlos Lacerda. Contingente seu "show", o "refelinho" de Copacabana agrediu e coronhados de revolver um dos jovens. Por outro lado, os policiais, que haviam sido chamados pelo guarda conhecido da subunidade da conspiração lacerdistas) ao verem a fúria do sr. Lopes resolveram enviar o grupo para o DPPE onde viriam a ser fichados e por estarem pintando água nas árvores — sem terem sido autuados em lugar algum, pois na primeira passagem que deram pelo 13.º DP o escrivão e o delegado não conseguiram chegar a um acordo sobre o artigo do Código Penal ou Florestal em que estavam incursos. Finalmente, os jovens — entre os quais estavam algumas moças — foram encaminhados a Delegacia de Copacabana e sendo autuados com se tivessem infringido o parágrafo 3.º do artigo 163 do Código do Processo Penal. O enquadramento, efetivado para satisfazer a sanha do "pre-

feitinho", é o que há de mais absurdo, pois aquele artigo diz respeito à destruição de próprios estaduais, como se a serem pintadas algumas árvores e postes se estivesse destruindo algum próprio do Governo.

A atitude oportunista e arbitrária tomada contra os moços é bem um reflexo do pavor que o governo da Guanabara tem a qualquer tipo de crítica, estando ou não pronto para reagir de armas na mão, como fizeram os deputados do Governo na Assembleia Legislativa, quando a maioria dos parlamentares estava

disposta a provar que o Governador havia malversado os bens da Guanabara, apresentando uma prestação de contas ao povo onde ficavam evidenciadas as falcatruas. Por outro lado, esse Governo sabe fechar os olhos diante da onda de crimes que vem assolando a cidade e, ainda, se o assunto é pichamento, as inscrições patrocinadas pelo gerila Silvio Heck e pelo MAC, que chegam a metralhar próprios federais, como aconteceu na UNE e tem acontecido nas paredes da FNTI, que amanhacem pintadas com inscrições de HECK AVANTE.

GRANDE ÊXITO NA CAMPANHA DO NATAL DE JOFRE

Ancorou grandes proporções a Campanha do Natal de Jofre Corrêa Neto, lançada pela Comissão de Solidariedade, atingindo todos os recantos da Nação. O fato de maior importância que se registrou durante a campanha, verificou-se no Estado do Ceará, onde foi arrecadada a quantia de quase 18 mil cruzeiros, nos seguintes municípios: Pacoti, Mangabeira, Redenção, Igatu, Quixadá, Itapagé, Caridade e Cedro, sendo que, nestas localidades os camponeses assinaram na lista com 5 cruzeiros e outros com 7, ressaltando o enorme número de camponeses que têm vontade de ajudar Jofre.

Outras Contribuições

São as seguintes as demais contribuições que nos chegaram até o presente momento: amigos do dr. Cicero Viana (Capital) — 4 mil cruzeiros; João Antônio Correia e Emogene Siman, (Araçatuba) — 400,00; Urbano dos Anjos (Capital) — 500,00; Amigos de Alvinho Bondezan (Cidreira) — 1500,00; Sindicato dos Trabalhadores em Panificação e Confeitaria de São Paulo — 3915,00; Amigos de Luiz Neves (Mirasol) — 2000,00; Amigos de Manoel Almeida Pires (Cianorte, PR) — 2570,00; Federação dos Trabalhadores Agrícolas do Paraná — 3500,00 cruzeiros; Amigos de João Diniz (Capital) — 1740,00; Federação dos Trabalhadores Agrícolas do Espírito Santo — 4800 cruzeiros; Omar Nardi, funcionário do Banco do Brasil, de Franca — mil cruzeiros; Amigos de Antônio Xalmeiro Oliveira (funcionário do jornal "A Nação") (Capital) — 7.150,00; Amigos de Francisco Torres (Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Cam-

po) — 4 mil cruzeiros; Amigos de Lourival José dos Santos (Miranda, Mato Grosso) — 8.450,00; Sindicato dos Trabalhadores de Penópolis — 2 mil cruzeiros.

Registraram ainda mais 5.700 cruzeiros de São Bernardo do Campo e 11 mil cruzeiros dos amigos de Lauro Reis, de Sorocaba, sendo que estes foram entregues diretamente à família de Jofre.

A Campanha Continua

A Comissão avisa que a Campanha de Finanças para Jofre Corrêa Neto vai continuar, mesmo porque muitas das listas distribuídas ainda não foram devolvidas. Todos aqueles que ainda desejarem contribuir, poderão enviar as quantias arrecadadas, para Carlos Lucas, rua José Bonifácio, 29 — 10.º andar, sala 103 — São Paulo, Capital.

Jofre Poderá Ser Condenado Novamente

Reginópolis, Est. de São Paulo (Do correspondente) — Segundo informações colhidas nesta cidade, no dia 22 de dezembro, quando da visita que NOVOS RUMOS fazia ao líder camponês, ficamos sabendo que Jofre Corrêa Neto está com outro processo nas costas e poderá ser condenado a mais 4 anos de cadeia. Este processo é de Presidente Prudente, onde no dia 31 de julho de 1962, a polícia invadiu sua residência e a sede do sindicato rural e alegou que aí encontrou material subversivo, não passando isto de calúnia.

O delegado de Polícia de Presidente Prudente declarou que quando Jofre terminar a sentença, que ora está cumprindo, estará na porta da prisão para levá-lo para outra.

Eleições na CNTI: Vitória da Unidade Contra a Corrupção

A reeleição da chapa encabeçada pelo sr. Clodsmidt Riani para a presidência da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria (CNTI) significou uma indiscutível vitória da política de unidade, contra o peleguismo e a corrupção, no meio sindical brasileiro.

Com ela, consagrou-se a orientação da anterior diretoria, inteiramente reconduzida nas eleições de segunda-feira, responsável por importantes campanhas econômicas e políticas durante a sua gestão. Basta lembrar o sucesso alcançado pela greve dos 700 mil, em São Paulo.

Crockett Dirige Corrupção

Após o resultado do pleito, que transcorreu sem nenhum incidente ou tumulto, durante 15 minutos ouviram-se aplausos entusiásticos pela vitória da chapa da situação, por 33 votos contra 20 dados à oposição, encabeçada por João Wagner.

Em seguida, todos os componentes da chapa vencedora, entre eles os srs. Clodsmidt Riani, Dante Pelacani e Benedito Cerqueira, passaram a denunciar com veemência as manobras do sr. Gilberto Crockett de Sá, assessor sindical da presidência da República, classificando-o como corruptor de dirigentes sindicais.

Riani acentuou que é uma exigência dos trabalhadores brasileiros o afastamento de Crockett de Sá da presidência da República. Classificando-o de "homem corrupto e desonesto", disse Riani que "o sr. Gilberto Crockett de Sá colocou-se abertamente a serviço do gorilismo e dos piores inimigos dos trabalhadores. Utilizando-se de imensa soma de dinheiro, espalhou seus emissários por todo o País e concentrou-os ontem e hoje na Guanabara, procurando comprar votos de honrados trabalhadores em favor da chapa encabeçada pelo sr. João Wagner".

«Caixinha» de Milhões

A "caixinha" destinada à operação de compra de votos para a chapa de João Wagner era de 200 milhões de cruzeiros. Disposto dessa soma fabulosa, o assessor sindical de João Goulart espalhou seus emissários por todo o País. Até as últimas horas antes da eleição, os srs. Aduado Bezerra (auxiliar de Crockett), Ari Campista e Holanda Cavalcanti permaneceram nas imediações da CNTI a ofertar importâncias variáveis entre 500 mil e um milhão de cruzeiros aos delegados que, em troca, se comprometeram a votar na chapa da oposição.

O sr. Aduado Bezerra, um dos delegados concorrentes na chapa eleita, disse que um industrial de seu Estado, Amazonas, ofereceu-lhe um cheque de Cr\$ 500 mil e casa própria para que votasse com a oposição. Este é um exemplo menor das ofertas que foram feitas a quase todos os delegados.

Os elementos da corrupção sindical não acenavam apenas com dinheiro e casa própria: prometiam também caminhões, empregos na área da previdência social e outras vantagens.

Quem é Wagner

"Derrotamos os gorilas" — exclamaram os partidários de Riani ao tomarem conhecimento da reeleição. De fato, a propaganda a favor de Wagner publicada em "Última Hora" — que na segunda-feira se prestou ao vergonhoso papel de usar a surrada linguagem anticomunista de "O Globo" — dá bem a medida do reacionarismo da oposição derrotada na CNTI.

Se não bastasse isso, lembraríamos que esse João Wagner, juntamente com outro pelego — Ari Campista —, participando no ano passado, da reunião da Organização Internacional do Trabalho, recusou-se a acompanhar a delegação brasileira — da qual faziam parte também Riani e Benedito Cerqueira, quando esta se retirou do conclave

devido a que aquela Organização seguia uma orientação contrária à política exterior do Brasil, de defesa da autodeterminação dos povos.

Outro integrante da chapa da oposição, o sr. Olavo Prevati, de São Paulo, é conhecido como elemento ligado ao capitalista Herbert Levi, em cuja companhia comparece toda semana a diante de uma televisão paulista para fazer provocações contra o movimento sindical e pregações golpistas.

Concluiu Com Lacerda

Na noite imediatamente anterior ao dia das eleições, os delegados eleitores de Riani permitiram na sede da CNTI, frustrando assim o plano que a polícia de Lacerda pretendia pôr em prática, de seu rapto. Não escondiram sua preocupação ante a possibilidade de a polícia de Lacerda, aliada ao sr. Crockett de Sá, promover tumultos e atentados contra os defensores da unidade e autonomia sindicais, com o objetivo de prejudicar a vitória já prevista da chapa de Riani.

A Nova Diretoria

A diretoria eleita para a CNTI está assim constituída: Clodsmidt Riani (presidente), Dante Pelacani, Júlio Marques da Silva, Francisco Plácido das Chagas, Luiz Gonzaga de Almeida, Benedito Cerqueira, Wilson Barros Leal, Osmar Antônio de Oliveira e Luis Tenório de Lima.

VIDA DO POVO MELHORA EM PERNAMBUCO

A partir do próximo número, publicaremos as reportagens do nosso camponheiro de redação José Almeida, enviado especial de NOVOS RUMOS a Pernambuco, sobre a extraordinária melhoria nas condições de vida de 150 mil trabalhadores rurais e suas famílias, na zona açucareira daquele Estado.

Sambaqui Diz Que Governo Dispõe-se Até a Encampar Colégios Que Escorçam

O ministro da Educação, sr. Júlio Sambaqui, anunciou esta semana que o governo federal está disposto a intervir e até a encampar os colégios particulares que se mantiverem irredutíveis na intenção de aumentar os preços de suas anuidades escolares além de um "limite razoável".

A disposição do Governo foi comunicada à imprensa pelo sr. Júlio Sambaqui, em entrevista coletiva, através de nota que diz: "O presidente da República determinou ontem, em Petrópolis, ao ministro da Educação, energias providências para colibir a alta abusiva das taxas escolares."

Abusos

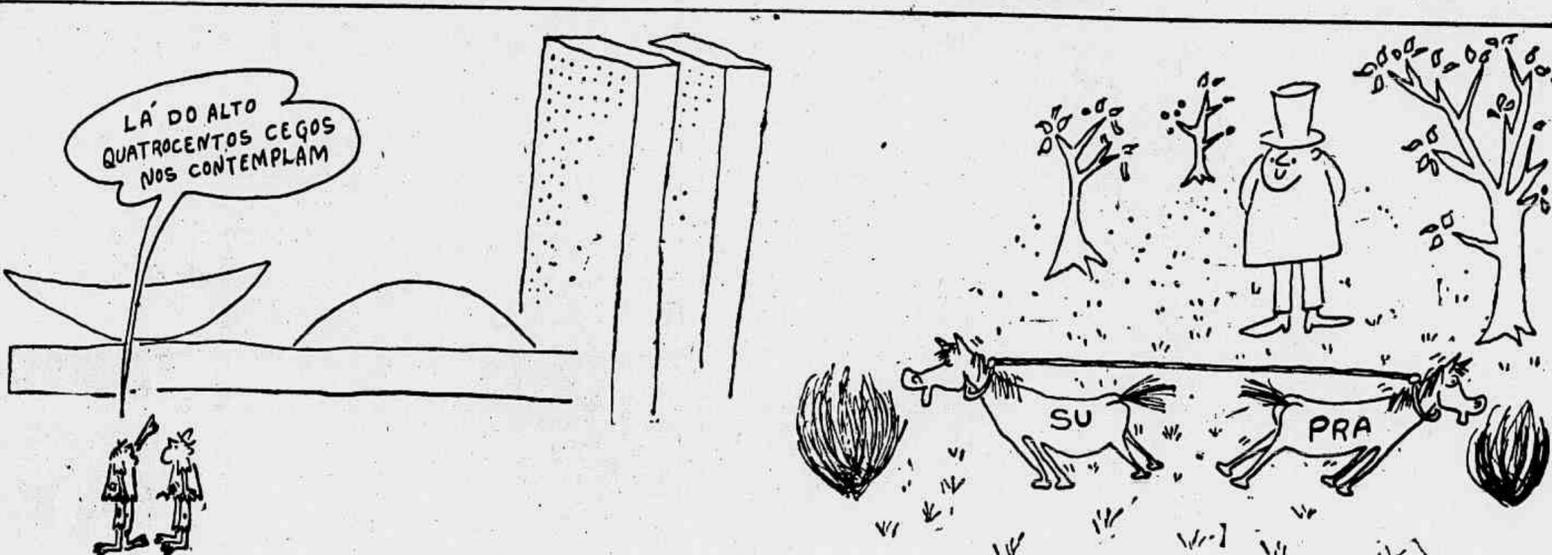
Prosegue a nota: "Manifestou-se o presidente João Goulart vivamente impressionado com o abuso e recomendou ao ministro Júlio Sambaqui fosse imediatamente em auxílio dos pais e responsáveis dos alunos que não podem pagar as taxas escorchantes dos colé-

gios, impedindo a onda alista no setor da Educação. Dando cumprimento a determinação do presidente João Goulart, o ministro Júlio Sambaqui convocou imediatamente uma reunião de inspetores de ensino sediada na Guanabara e no Estado do Rio, a fim de realizarem o levantamento das anuidades cobradas para habilitar o governo federal a enfrentar a situação com as medidas determinadas. O sr. João Goulart mostrou ao ministro da Educação milhares de cartas de pais de família, num verdadeiro clamor contra o abuso das taxas."

UBES e UNE Contra

A União Brasileira de Estudantes Secundários já manifestou a decisão de ir, se necessário, à greve em todo o País, para impedir a consumação do aumento pretendido pelos tubarões dos colégios particulares. A entidade secundarista é apoiada pela União Nacional dos Estudantes.

PE
DE
CABRA
SUORA
&
CONGRESSO





Milhares de marítimos compareceram à assembleia de greve realizada no Sindicato dos Metalúrgicos cariocas.

Marítimos: 120 Mil Fazem Greve Pelo 13º

NO DIA 3 de janeiro, a insistência do governo federal em não pagar o 13º salário aos marítimos de suas autarquias levou quase toda a frota marítima do Brasil à paralisação, abrangendo uma centena de navios e dezenas de milhares de trabalhadores. Foi a primeira greve do ano, sem ter sido convocada por ninguém, pois os dirigentes da Federação Nacional dos Marítimos estavam mantendo todos os contatos possíveis com as autoridades desde fins de novembro, mas foi tudo vão: o ano terminou e os marítimos resolveram ir à greve pela gratificação natalina.

Último Aviso

No dia 27 de dezembro, os trabalhadores do mar, depois de uma reunião de qual participaram os representantes das duas Federações marítimas, divulgaram um comunicado declarando que aguardavam o pagamento do 13º mês de salário ou uma gratificação equivalente até dia 30, caso contrário o movimento paralisaria a partir de zero hora do dia seguinte. Entretanto, depois dos ajustes realizados com autoridades governamentais, as Federações resolveram prolongar por mais alguns dias os entendimentos.

Os contatos prosseguiram e não se delineava nenhuma solução para a reivindicação dos marítimos. Diante disso, em novo manifesto, os trabalhadores foram colocados em estado de alerta, pois a greve poderia eclodir no dia seguinte, sexta-feira 3.

Greve

Altiçados os trabalhadores, e sem falar ao gabinete de mais ninguém para conseguir a justa reivindicação sem interromper o trabalho, os marítimos lançaram mão do último e infalível recurso dos trabalhadores, a greve, decretando-a às 21 horas do dia 3.

Uma vez iniciado o movimento paralisista, o Comando de Greve instruiu os trabalhadores que só fossem às embarcações se estivessem incluídos na "escala de serviço" para manter a segurança dos barcos, não se efetuando trabalhos nos porões. Os trabalhadores que se encontrarem navegando deverão aderir ao movimento no primeiro porto onde o navio for atracado. Essa determinação, peculiar aos trabalhadores em transportes, faz com que a cada dia vá aumentando o número de embarcações paralisadas. Logo que foi iniciado, o movimento atingiu 67 navios: setenta e duas horas depois esse número ascendeu a mais de uma centena, com

navios brasileiros parados em vários portos do mundo.

Arbitrariedade

A força da unidade dos trabalhadores marítimos, garantida à classe que suas greves transcorram normalmente, num clima de calma, pois todas as vezes que alguns provocadores tentam experimentar o aparelho de solidariedade dos trabalhadores da orla do mar arrependem-se amargamente.

No dia imediato ao início da greve, os marítimos do porto de São Francisco do Sul cruzaram os braços juntando-se aos armadores e aos estivadores daquele porto, que já estavam em greve. Diante disso, as autoridades locais, já conhecidas de greves passadas, pediram que fosse enviado à cidade um reforço policial vindo de Florianópolis. Sabedores disso, os trabalhadores dirigiram-se ao governador Celso Ramos, para que fossem garantidas as liberdades sindicais. Apesar de bem recebidos e tranquilizados pela palavra do chefe do executivo estadual, os trabalhadores de São Francisco do Sul foram colhidos por uma "batalha" policial comandada por um delegado que saiu há poucos momentos de uma festa patrocinada pelos armadores.

As arbitrariedades poli-

ciais, que incluíram a interdição de sindicatos e o espancamento de trabalhadores, duraram toda uma noite, até que, por contatos mantidos entre a direção nacional dos marítimos e o ministro do Trabalho, foi enviado um representante daquele Ministério para resolver o problema do terror desencadeado pela polícia catarinense.

Alastamento

O primeiro boletim do Comando de Greve já noticiava a paralisação nos portos de Manaus e Porto Alegre, e, enquanto a greve estendia-se a todas as embarcações do Lóide e da Costeira, as autoridades competentes mantinham-se intransigentes na discussão de como pagar a gratificação integralmente, o que já era um progresso, embora não fosse o que os trabalhadores reclamavam.

Assim, na manhã do dia 5, durante a reunião realizada no Ministério da Viação, o Presidente da Comissão de Marinha Mercante ofereceu aos trabalhadores a primeira proposta governamental, segundo a qual os marítimos receberiam logo que encerrada a greve metade da gratificação e o Governo se comprometia a pagar o restante em duas parcelas: uma juntamente com o pagamento de janeiro, que pode efetuar-se até 10 de fevereiro,

e a outra no dia 17 de fevereiro. A proposta foi rejeitada pelo Comando de Greve que apresentou uma contraproposta, pela qual os trabalhadores aceitavam a metade do pagamento com o fim da greve, enquanto que exigiam a outra metade paga de uma só vez, com o pagamento de janeiro.

Além das discussões sobre a forma de como pagar o 13º salário, os trabalhadores exigem ainda a extensão da medida a todos os marítimos, inclusive aqueles da Baía do Prata, e ainda os funcionários dos blocos do Sindicato.

Enquanto o Governo não voltava a discutir a contraproposta dos trabalhadores, a direção do movimento grevista reuniu-se para dar um balanço da greve, que já paralisara o Lóide, a Costeira, os estaleiros, e embarcações do Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis, constatando-se a vitória total da greve, que tende a aumentar a cada hora, diminuindo assim as possibilidades de as autoridades se manterem intransigentes no pagamento de um direito legal a todos os trabalhadores, e que por meio de mecanismos jurídicos querem cortar aos funcionários públicos e autárquicos, como é o 13º mês de salário.

Securitários: 15 Mil Cruzam os Braços

UNIDOS numa "Frente Securitária", cinquenta mil trabalhadores em empresas de seguros estão empenhados na primeira campanha salarial de 1964. A Frente, integrada pelos Sindicatos de oito Estados, está unida por uma lista de reivindicações com 12 pontos, e apoiada na Guanabara, São Paulo, Estado do Rio e Minas Gerais, sendo que neste último Estado os trabalhadores, depois de terem esgotado todos os entendimentos possíveis, foram levados a desencadear um movimento grevista desde a manhã de sábado, dia 4, apesar dos esforços realizados pelo governador Magalhães Pinto que se ofereceu como mediador.

As Reivindicações

O projeto de acordo salarial apresentado pelos trabalhadores inclui a instituição do salário profissional, de maneira que todos os empregados admitidos depois da assinatura do acordo recebam um salário equivalente ao ordenado mínimo e mais um adicional de 60% sobre o mesmo, enquanto que os funcionários das portarias, serventes e contínuos receberão o adicional em apenas 40%. A aplicação do salário profissional para os securitários é

justificada pelos dirigentes sindicais lembrando as exigências feitas pelas companhias de seguro na admissão de funcionários, pois exigem que estes tenham o curso ginasial e até, às vezes, o científico completo, além dos conhecimentos de mecânica obrigatórios. Fica claro, assim, que os empregados em companhias de seguros precisam ter conhecimentos especializados para poderem desempenhar suas funções.

Outro aspecto do acordo proposto pelos sindicatos, e rejeitado pelos empregadores, é a gratificação de Cr\$ 1.500,00 por ano de serviço até que o trabalhador tenha completado três anos de casa, depois dos quais a gratificação será aumentada para Cr\$ 4.500,00 elevando-se progressivamente em cada triênio.

Tanto a gratificação anual como o salário profissional encontraram a maior resistência possível por parte dos grupos seguradores, que apesar de se constituírem no maior truste municipal depois do petróleo, não querem de maneira alguma pagar salários razoáveis a seus empregados. Utilizam-se para isso de expedientes como a demissão em massa dos empregados logo depois da assinatura dos acordos, o que lhes possibilita a ad-

missão de novos funcionários com salários menores — esperteza que o salário profissional irá impedir — e ainda a manutenção de empregados com dezenas de anos de trabalho e salários de fome.

Estão incluídos ainda na pauta de reivindicações dos securitários a gratificação para cargos de chefia, a regulamentação das férias, e um aumento de 100% para todos os empregados a vigorar desde 1º de janeiro do corrente ano, assegurando-se ainda um aumento mínimo de 16 mil cruzeiros e a ajuda de custo aos cobradores.

A Intransigência

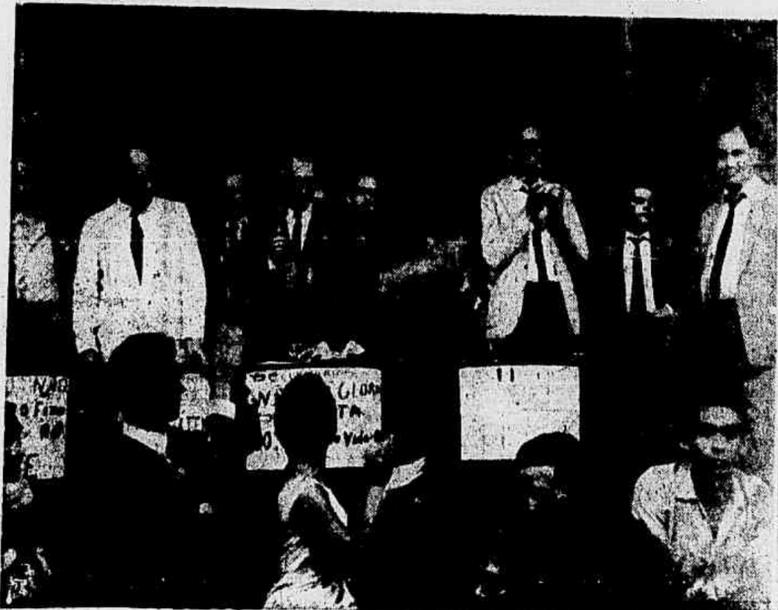
A campanha salarial dos securitários é a primeira do ano, pois o acordo salarial assinado entre eles e os empregadores encerrou sua vigência na primeira semana de janeiro, e por isso os empregados vinham procurando entender-se com os patrões desde meados de dezembro, enviando ofícios ao sindicato patronal e convidando os empregadores a discutirem o novo salário. Essas medidas, entretanto,

foram tomadas em vão, pois apesar de três ofícios que lhes foram dirigidos pelo sindicato dos securitários os seguradores mantiveram-se no mais absoluto silêncio, como se não houvesse acordo a discutir nem salários a aumentar. Diante disso, os trabalhadores dirigiram-se ao DNT para que seu diretor encaminhasse as discussões prévias, mas nem isso serviu para abrir os olhos dos patrões. Esperavam eles o momento oportuno para requererem o dissídio coletivo, e assim fizeram levando a discussão para sua última instância, o TRT, onde se recusaram a discutir 11 dos 12 pontos de reivindicações dos trabalhadores.

Diante da ostensiva intransigência patronal, os trabalhadores reuniram-se na noite do dia 7 em assembleia geral na sede do Automóvel Clube, ocasião em que a diretoria do Sindicato expôs a seus companheiros os resultados de uma nova reunião realizada no TRT na tarde do mesmo dia.

Campanha Permanente

Além das reivindicações salariais que anualmente levam os securitários à luta, o sindicato dos trabalhadores está realizando uma campanha permanente para que seus associados trabalhem sob o regime de horário corrido, sendo que um projeto nesse sentido, apresentado pelo deputado Floriano Paixão, já se encontra em vias de ser levado ao plenário da Câmara Federal. O mesmo deputado transformou, há poucos meses, em projeto, a velha aspiração dos securitários que é a passagem do seguro contra acidentes para os IAPs, pois são Institutos que internam e cuidam dos trabalhadores acidentados, não havendo nenhum motivo razoável, senão interesses escusos para, que aquele seguro seja recolhido por empresas particulares, na maioria dos casos ligadas a poderosas organizações internacionais, particularmente inglesas e norte-americanas.



Os securitários cariocas compareceram em massa ao Automóvel Clube onde foi realizada a Assembleia que decretou a greve geral.

NOVOS FUMOS

A União Soviética e a Luta de Libertação Nacional

SUPLEMENTO ESPECIAL — 10 a 16/1/1964

**NOVOS
RUMOS**

NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

**Entrevista de Kruschiov
a Jornalistas de Ghana, da
Argélia e da Birmânia**





Quem não tem cão... Os inimigos dispõem de moderno armamento, tropas bem organizadas e alimentadas. Os patriotas, que muitas vezes enfrentam os opressores quase que sem arma alguma, dispõem, porém, da arma principal — a razão, a justiça da luta, o apoio do povo. Por isso, quando faltam as armas, fazem-se armadilhas — como a que na foto colocam guerrilheiros do Vietnã do Sul — para caçar, como animais que são, os odiosos mercenários colonialistas.

Cena hoje comum no mundo colonial. Líderes locais, com valentia a toda prova, desafiando as cibernâncias que sempre se seguem, fazem das praças sua tribuna e explicam aos demais por que devem empenhar-se para a conquista da independência política e econômica de seu país.



A URSS e a Luta de Libertação Nacional

As redações dos jornais *Ghanien Times (Gana)*, *Alger Republicain*, *People (Argélia)*, e *Batataung (Birmânia)* pediram a N. S. Kruschio que respondesse a uma série de perguntas relativas ao movimento de libertação nacional no período contemporâneo. A seguir publicamos as perguntas dos referidos jornais e as respostas de N. S. Kruschio.

1. PERGUNTA — Como encara o Sr. os resultados da luta de libertação nacional dos povos contra o imperialismo?

RESPOSTA — Os povos oprimidos realizaram uma grande proeza, derubaram o sistema colonial do imperialismo. Este é o principal resultado da luta nacional-libertadora. Em menos de dois decênios foram destruídos impérios erigidos durante séculos pelos colonizadores. Há pouco, esses impérios pareciam a algumas pessoas baluartes inexpugnáveis. Lembremos as palavras jactanciosas de Churchill durante a Segunda Guerra Mundial: "Eu não cheguei a primeiro-ministro para presidir a liquidação do Império Britânico". Mas agora, como se costuma dizer, restam somente os trastes rotos deste império.

Atualmente o processo de liquidação dos regimes coloniais entrou em sua fase culminante. Mais de cinquenta países já alcançaram a independência e formaram Estados nacionais. Isso é, na verdade, uma realização de transcendência histórica universal das massas populares, que lutaram viril e abnegadamente.

Seria um grave erro subestimar a significação desta vitória, negar o fato da derrocada do sistema de escravidão colonial e considerar que a conquista da independência política é mero formalismo. Seria um ultraje aos combatentes da liberdade afirmar que os povos que se batem contra o colonialismo, na essência, nada alcançaram.

A conquista da independência política pelos povos é um grande ato revolucionário de importância internacional. O imperialismo perdeu o domínio direto sobre várias regiões de nosso planeta, sobre centenas e centenas de milhões de pessoas. Foi derrubado um enorme obstáculo que barrava aos povos oprimidos das colônias os caminhos para a liberdade e para o progresso social. Encerra-se toda uma fase de heróicas batalhas desses povos, abre-se uma nova etapa em sua luta de libertação. Se antes esses povos buscavam a derrubada dos sistemas coloniais, a expulsão das tropas e governadores coloniais, agora extirpam as raízes do colonia-

lismo — as posições econômicas e políticas dos monopólios estrangeiros — lutam pelo desenvolvimento independente e democrático, pelo progresso social.

Naturalmente, alcançar a soberania estatal não significa ainda conseguir a libertação total. Em todas as partes onde podem, os imperialistas procuram converter numa ficção a soberania dos jovens Estados nacionais. Hoje, porém, os povos estão em condições de desbaratar os planos dos imperialistas, de romper por completo as cadeias da opressão e da exploração imperialistas, e de utilizar a independência política como um potente ponto de apoio na luta pela emancipação econômica, para livrar-se de muitas outras travas e cadeias do imperialismo.

Condição indispensável para garantir a completa independência dos jovens Estados nacionais é o reforçamento e não o enfraquecimento de sua luta antimperialista, o reforçamento de sua solidariedade com as forças revolucionárias mundiais. Os acontecimentos do Congo, Argélia e outros países mostraram que os povos das antigas colônias não estão garantidos, de modo absoluto, contra as maquinacões imperialistas.

Numerosos países que conquistaram a independência política levam à prática uma política antimperialista independente. Pode-se fechar os olhos diante do fato de que em muitos países emancipados do jugo colonial se desenvolve um processo de ressurgimento nacional, se assentam as bases da economia nacional e se desenvolve a cultura? Pode-se negar que na luta pela independência as massas cursaram uma imensa escola política, cresceram incomparavelmente seu grau de consciência nacional e antimperialista, forjou-se e se robustece sua decisão de marchar pela senda da democracia e do progresso social?

É necessário ter em vista, como mudaram as condições do desenvolvimento dos países da Ásia, África e América Latina com a atual correlação de forças no campo mundial. Apoiando-se na cooperação dos países socialistas, do movimento operário

Internacional e de todos os povos amantes da paz, qualquer país pode fazer frente com êxito às investidas imperialistas, robustecer sua independência e determinar para si o destino que bem entender.

2. PERGUNTA — Quais, em sua opinião, as condições que asseguram a derrocada do sistema colonial?

RESPOSTA — Antes de mais nada, gostaria de acentuar mais uma vez que o desmoronamento do sistema colonial é resultado da luta heróica dos próprios povos oprimidos. Os imperialistas propalam o mito de que por sua boa vontade decidiram beneficiar os países avassalados, apresentando-lhes a independência. É um embuste. Os colonizadores não abandonaram um só país pela "própria vontade". A independência política foi conquistada pela luta e somente pela luta.

As forças do socialismo mundial contribuíram de maneira decisiva na luta pela libertação dos povos das colônias e países oprimidos. A Grande Revolução Socialista de Outubro minou a dominação mundial do imperialismo, abrindo-se diante dos povos a possibilidade real de expulsar os colonizadores. A vitória da União Soviética na Grande Guerra Patriótica contra a coalizão hitlerista, a derrota das forças de choque da reação imperialista mundial e o ascenso geral do movimento revolucionário mundial de libertação, que começou como resultado disso, criaram condições favoráveis para a revolução na China e em vários outros países da Ásia, para o êxito da luta dos povos pela liquidação dos regimes coloniais.

Com a formação do sistema mundial de Estados socialistas a balança das forças no campo internacional mudou radicalmente, em prejuízo do imperialismo. Isso acelerou em grande escala o avanço do movimento nacional-libertador. As chamadas da revolução nacional-libertadora envolveram também o sudeste da Ásia, o Oriente Próximo, a África e a América Latina. A União Soviética e demais países socialistas apoiaram decididamente os povos em luta e os jovens Estados nacionais. Isso é o

que ensinam as lições da crise de Suez, o fracasso de numerosas aventuras imperialistas no Oriente Próximo e a experiência da heróica Cuba. O proletariado dos países capitalistas desenvolvidos apoiou ativamente a luta dos povos oprimidos. As grandes forças revolucionárias de nosso tempo — o socialismo triunfante, o movimento nacional-libertador e a luta revolucionária dos proletários dos países capitalistas — fundiram-se em uma só torrente. Foi isto que assegurou o êxito dos povos no assalto aos baluartes do sistema colonial.

3. PERGUNTA — Como encara o Sr. a marcha da luta pela liquidação dos últimos regimes coloniais?

RESPOSTA — Creio que a vitória dos povos oprimidos não está muito longe, está próxima. Os combatentes da liberdade estão liquidando os regimes coloniais que restam. Em 1960 havia sob o jugo dos colonizadores mais de cem milhões de pessoas, agora, mais da metade delas, graças à valorosa luta dos povos, já se libertou. Mas a consciência da humanidade não pode estar tranqüila enquanto os povos de Angola, da Guiné "portuguesa", Moçambique, Rodésia do Sul, África do Sul e outros países são humilhados e aterrorizados pelos escravizadores e racistas estrangeiros. Todos os que amam a liberdade não podem aceitar a ocupação da Coreia do Sul e Taiwan pelos imperialistas dos Estados Unidos — ocupação que prossegue até os dias de hoje — nem a guerra contra os patriotas do Vietnã do Sul.

A liquidação mais urgente do sistema colonial converteu-se numa causa de todas as forças progressistas do mundo. Todos os povos devem ser livres; não deve haver na Terra lugar para o colonialismo! Consideramos absolutamente intolerável que os colonizadores portugueses, os racistas sul-africanos e os imperialistas ingleses e norte-americanos, com o concurso de seus aliados da OTAN, continuem mantendo presos pelas cadeias da escravidão mais de cinquenta milhões de seres humanos.

A Organização das Nações Unidas, como se sabe, por iniciativa da União Soviética, aprovou a Declaração de concessão de independência às colônias e aos povos coloniais. Os colonizadores e os racistas foram estigmatizados perante toda a humanidade. Mas não se pode deixar de considerar que as declarações da ONU são, por assim dizer, um voto moral aos povos que ainda estão sob a escravidão colonial. Esses povos só podem libertar-se mediante uma luta tenaz, com seus próprios esforços. Os Estados socialistas e os países que já atingiram a independência consideram seu dever ajudar essa luta por todos os meios, tanto moral como materialmente.

Todos os povos que se bateram contra os colonizadores receberam o apoio firme da União Soviética e demais Estados socialistas. Hoje declaramos, mais uma vez, em voz alta, que os povos que lutam por sua libertação podem continuar contando firmemente com esse apoio. Passou o tempo dos regimes coloniais e não há força que os possa salvar.

4. PERGUNTA — Qual, na sua opinião, o conteúdo fundamental da luta nacional-libertadora nas atuais circunstâncias?

RESPOSTA — O conteúdo e as formas de luta, cada povo os determina conforme as condições próprias. E as condições nos diferentes países da Ásia, África e América Latina não são as mesmas. Acabo de referir-me aos povos que lutam por sua libertação, por sua independência estatal. Evidentemente, este é o principal conteúdo de sua luta nacional-libertadora atualmente. Em outro grupo de países, a independência estatal é um disfarce da dominação de regimes fantoches extremamente reacionários e tirânicos, que se sustentam com o apoio dos imperialistas. Pode-se dizer que nesses se conserva também o domínio político dos colonizadores, embora em forma um pouco disfarçada. Os povos de tais países consideram que sua tarefa imediata é a derrocada dos regimes que odeiam.

Todavia, a maioria dos povos já conseguiu a independência política. E natural que para eles se haja apresentado, no primeiro plano, uma série de outras tarefas. Sua luta contra o colonialismo, contra o imperialismo, assume formas diferentes e uma orientação diferente. O grande Lênin ensinava que a libertação nacional não pode ser completa sem a emancipação econômica. E, com efeito, a luta pela independência econômica, pelo progresso social, converteu-se no problema central da esmagadora maioria dos povos da Ásia, África e América Latina.

Os povos dos países libertados querem sair da miséria tenebrosa e da fome e assegurar-se uma vida digna do homem. É normal que nos países subdesenvolvidos a produção industrial por habitante seja, em média, 10-20 vezes menor que nos países economicamente desenvolvidos, que a fundição de aço seja 25-30 vezes menor e a produção de eletricidade 50-100 vezes menor? Em nosso século de esplendor da ciência e da técnica não deve haver na Terra povos que vivam em condições medievais; é hora de acabar com a divisão dos países desenvolvidos e subdesenvolvidos no terreno econômico. Todos os povos deram seu quinhão ao desenvolvimento da civilização universal, todos os povos são dignos de destruir todos os bens da cultura, da ciência e da técnica moderna.

Assim, portanto, libertar-se do atraso e da miséria, criar uma economia independente, capaz de assegurar o progresso, fortalecer a independência política e desenvolver a democracia, tais são, a meu ver, os principais problemas surgidos para os jovens Estados nacionais. Para isso é preciso, antes de tudo, acabar com a dominação econômica dos imperialistas. Os monopólios estrangeiros que exploram as riquezas dos países subdesenvolvidos são o principal obstáculo no caminho dos povos rumo ao progresso, a uma vida melhor. Sem independência econômica, sem libertar-se do saque imperialista, é impossível elevar o nível de vida das massas populares e assegurar-lhes o bem-estar.

Mas, que significa conquistar a independência econômica? Significa libertar-se da prepotência do capital monopolista estrangeiro, liquidar a estrutura colonial da economia, criar uma economia diversificada, independente, firme e próspera, que não se baseie apenas na exportação de matérias-primas. A solução correta desse problema dependerá em alto grau da rapidez com que se liquidarem os vestígios feudais e semifeudais e que o campesinato — massa fundamental da população — se liberte da opressão latifundiária e usu-

ria. A opressão dos monopólios estrangeiros.

A experiência do desenvolvimento dos países que se libertaram já mostrou que o setor estatal tem grande importância para acabar com a opressão estrangeira e elevar a economia nacional — se este setor for criado, naturalmente, para lutar contra os monopólios imperialistas. O setor estatal permite mobilizar os recursos em benefício de toda a nação, evitar que se dispersem e acelerar o ritmo do desenvolvimento econômico.

A nacionalização da propriedade dos monopólios estrangeiros, o desenvolvimento da indústria, a criação e o fortalecimento do setor estatal e as transformações agrárias em benefício do campesinato são medidas ditadas pela própria vida. Na execução deste programa democrático geral estão interessadas as amplas massas populares — e em sua realização pode participar também a burguesia nacional não ligada aos monopólios estrangeiros. Mas o cumprimento deste programa — e é muito importante ressaltar isso — é impossível sem transformações sociais internas e sem a presença de forças revolucionárias anticolonialistas no poder.

A conquista da independência econômica é um processo complexo, que exige entusiasmo revolucionário e uma hábil administração do País e da economia.

Vemos, com satisfação, como povos que os colonizadores detravam e consideravam incapazes de governar o Estado, fazem emergir de seu seio administradores e dirigentes da economia cada vez mais talentosos. Sabemos bem, por experiência própria, que as forças e energias do povo, quando livre, são inesgotáveis, são capazes de vencer qualquer obstáculo.

Os imperialistas e seus acólitos reacionários não conseguirão sufocar os anseios dos povos pela libertação econômica, tão inevitável como a emancipação política.

Cada povo dará sua própria e genuína contribuição à solução dos problemas do ressurgimento nacional. Mas, por mais diferentes que sejam as formas e os métodos concretos desse processo, é claro que os povos somente podem conseguir o objetivo lutando contra o imperialismo e a reação interna, somente à base do desenvolvimento democrático e do progresso social.

5. PERGUNTA — Em sua opinião, em favor de qual perspectiva de desenvolvimento se pronunciarão os povos?

RESPOSTA — A escolha do caminho a seguir é um assunto dos próprios povos. Pessoalmente estou profundamente convencido de que os povos — uns antes, outros depois — se pronunciarão pelo socialismo. As massas consideram com total fundamento que a luta libertadora deve proporcionar-lhes uma vida melhor. Os camponeses aspiram a trabalhar livremente em sua terra, limpa de senhores feudais e exploradores estrangeiros. Os operários lutam pelo aumento de salários e por uma mudança radical das condições de vida, e estão nas primeiras filas dos lutadores pelo caminho não capitalista de desenvolvimento de seus países, pelo progresso social. Os intelectuais aspiram a levar os conhecimentos ao povo, desenvolver a cultura nacional e libertar-se da necessidade de vender seu talento. Todos os trabalhadores desejam desfrutar dos direitos políticos sem limitações, participar ativamente na orientação da política nacional e lutar por uma vida livre e feliz.

O autêntico ressurgimento nacional exige que seus frutos estejam ao alcance de todo o povo. Mas os povos sabem por experiência própria que o capitalismo lhes traz novas privações, novos sofrimentos e aflições. Ergueram-se contra os colonizadores — e milhares de patriotas molaram sua vida — mas não para que, em vez de escravizadores estrangeiros, subam às costas dos trabalhadores os exploradores nativos.

A experiência da realização do programa democrático geral mostra cada dia mais que o capitalismo não pode ser bandeira da luta dos povos pelo ressurgimento nacional e pelo progresso social, não pode servir-lhes de ideal. É certo que os propagandistas do "modo de vida ocidental" procuram enganar-lhes e embelezam o capitalismo. Mas, qual o povo dos países libertados que não sofreu as "delícias" do capitalismo, como a escravidão colonial, a monstruosa exploração e a desesperada miséria? Ao mesmo tempo, têm à vista o exemplo dos povos da União Soviética e demais países socialistas. Esse exemplo constitui a força de atração das ideias do socialismo. Eis aí porque,

talvez, até os estadistas dos jovens Estados nacionais que são partidários do desenvolvimento "ocidental" e em essência implantam o capitalismo, não se decidem a apresentar abertamente um programa capitalista. Adaptando-se ao sentimento das massas, estes líderes falam também do socialismo, ainda que tenham as transformações sociais como se teme o fogo.

Quanto aos líderes democráticos revolucionários, pronunciam-se sinceramente a favor dos métodos não capitalistas de solução dos problemas nacionais e declaram sua decisão de construir o socialismo. Nós aplaudimos essas declarações. Alegramos-nos de que os povos hajam promovido à liderança homens que cursaram a dura escola da luta contra o colonialismo e vivem pensando nos interesses das massas, que conhecem suas necessidades e compreendem que o socialismo representa o autêntico ressurgimento nacional. Nós apoiamos plenamente suas medidas, que correspondem aos anseios dos povos e se dirigem contra os mo-

salhar a etapa das transformações democráticas, realizar atos para os quais não hajam sido criadas as premissas sociais e econômicas necessárias e não se tenha assegurado o apoio das massas populares. O corrompimento da revolução democrática, antifeudal e anticolonialista cria as melhores condições para a transição ao socialismo. Para muitos países o principal agora consiste em desencadear essa revolução, incorporar à obra revolucionária vastas massas populares, em cujo processo se aproximarão diretamente de um novo objetivo: as transformações socialistas. Portanto, já no curso da realização das tarefas democráticas gerais, que não têm, em si, caráter socialista, criam-se as premissas para a passagem ao socialismo.

É indubitável também outra coisa: não se pode construir o socialismo partindo-se das posições do anticomunismo, pronunciando-se contra os países onde o socialismo alcançou a vitória, perseguindo os comunistas, que são abnegados combatentes da libertação nacional de

Meca. Os imperialistas não podem nem querem resignar-se à perspectiva de liquidação total do colonialismo. Fede-se-lhes aplicar o bem o provérbio árabe que diz: "Não esperes tranquilidade do teu inimigo".

Mas os tempos dos Kitchener e MacMahon, dos chefes das cações e expedições punitivas, colônias passaram para não voltar. Os imperialistas reagem agora principalmente a outros todos e meios, associados ao conceito de neocolonialismo. Anteriormente, tentam conservar e até controlar o controle sobre o desenvolvimento econômico dos países libertados. Procuram fazer com que os países se desenvolvam por caminhos capitalistas, que em essência vedam a passagem ao ressurgimento nacional. Tentam jungir definitivamente esses países à economia mundial e mantê-los assim na situação de nações dependentes, na situação de apêndices necessários de matérias-primas e produtos agrícolas das potências



A luta pela libertação nacional dos povos. De toda parte surgem manifestações de luta para apagar a mancha do colonialismo que mostra uma demonstração de argelinos contra os car-

seus países da opressão imperialista, ardentes patriotas e lutadores por um novo regime social, pelo progresso social.

Os dirigentes democráticos revolucionários de vários países libertados procuram os métodos e formas da passagem ao caminho de desenvolvimento não capitalista. Na opinião dos marxistas-leninistas, para muitos países seria uma forma adequada dessa passagem o Estado de democracia nacional. O Estado de democracia nacional se apoiaria na frente única anticolonialista de todas as forças sociais dispostas a lutar pelo desenvolvimento democrático independente. O Estado de democracia nacional abriria amplas possibilidades para incorporar as massas à vida política e à edificação nacional de uma vida nova sobre bases democráticas. Claro que não ficam excluídas outras formas diferentes de desenvolvimento pelo caminho da libertação nacional e do progresso social.

A vida introduzirá muitas inovações, tanto nas formas da passagem ao socialismo como no ritmo das transformações sociais. Não há dúvida, em qualquer caso, de que a vida impõe que se ande para a frente — e não se pode andar para a frente sem a presença do socialismo. Mas o socialismo não se decreta, não é possível

seus países da opressão imperialista, ardentes patriotas e lutadores por um novo regime social, pelo progresso social.

6. PERGUNTA — Em que consiste, em sua opinião, o perigo dos novos métodos e formas da política colonial do imperialismo?

RESPOSTA — A liquidação dos regimes coloniais não significa ainda a liquidação do colonialismo. Na maioria dos países libertados, os monopólios imperialistas mantêm posições dominantes na economia e, mediante uma exploração brutal dos trabalhadores, extraem gigantescos lucros: aproximadamente cinco bilhões de dólares anuais, segundo cálculos de economistas. As potências imperialistas continuam aguçando os países economicamente atrasados da Ásia, África e América Latina, inclusive através do intercâmbio desigual. Ao vender-lhes por preços caros as mercadorias industriais e comprar-lhes a preços baixos as matérias-primas minerais e agrícolas, os monopólios "ganham" somas astronômicas: outros 14,16 bilhões de dólares anuais. Em muitas de suas antigas possessões, os imperialistas conservaram uma forte influência po-

triais. Os monopólios imperialistas penetram intensamente nessas regiões, envolvem com as telas da "associação", naturalmente desigual, capital nativo e o submetem ao jugo. Opõem-se por todos os meios à criação do setor estatal, capaz de ser um eficiente instrumento do desenvolvimento democrático independente.

Os imperialistas, obstinadamente procuram guindar ao Poder os "testas-de-ferro", envolver os países libertados nos blocos agressivos tipo SEATO e CENTO, em alianças regionais reacionárias como o OEA e conservar suas bases militares nos territórios destes países. Não regateiam esforços para apoiar a solidariedade das forças anticolonialistas e cindir a frente anticolonial dos patriotas. Provocam-se discórdias entre os países libertados, e cam-se as contradições entre as nações e entre as nações, fomentando a rivalidade entre os líderes políticos etc.

Os neocolonialistas encobrem a cruzada contra a liberdade dos povos da Ásia, África e América Latina com uma falsa defesa frente à influência da União Soviética, o estandarte negro do anticomunismo. Agitando este estandarte, p-

ar a etapa das transformações
ocráticas, realizar atos para os
s não hajam sido criadas as pres-
as sociais e econômicas neces-
sárias e não se tenha assegurado o
o das massas populares. O co-
mento da revolução democrática,
feudal e anticolonialista cria as
condições para a transi-
ção socialista. Para muitos paí-
s o principal agora consiste em
ncadeirar essa revolução, incor-
r à obra revolucionária vastas
as populares, em cujo processo
proximarão diretamente de um
objetivo: as transformações so-
tas. Portanto, já no curso da
ação das tarefas democráticas
s, que não têm, em si, caráter
lista, criam-se as condições pa-
passagem ao socialismo.

indubitável também outra coi-
são se pode construir o socialis-
partindo-se das posições do an-
unismo, pronunciando-se con-
s países onde o socialismo aliu
a vitória, perseguindo os co-
stros, que são abnegados com-
tes da libertação nacional de

Méica. Os imperialistas não se resig-
nam nem querem resignar-se à per-
pectiva de liquidação total do co-
lonialismo. Pode-se-lhes aplicar mui-
to bem o provérbio árabe que diz:
"Não esperes tranquilidade do ve-
lho inimigo".

Mas os tempos dos Kitchener e
MacMahon, dos chefetes das pacifi-
cações e expedições punitivas nas
colônias passaram para não mais
voltar. Os imperialistas recorrem
agora principalmente a outros mé-
todos e meios, associados ao con-
ceito de neocolonialismo. Antes de
tudo, tentam conservar e até refor-
çar o controle sobre o desenvolvi-
mento econômico dos países liber-
tados. Procuram fazer com que es-
ses países se desenvolvam pela via
capitalista, que em essência lhes
veda a passagem ao ressurgimento
nacional. Tentam unir definitivamente
esses países à economia capi-
talista mundial e mantê-los assim
na situação de nações exploradas,
na situação de apêndices for-
necedores de matérias-primas e pro-
dutos agrícolas das potências indus-

curam isolar as forças mais com-
bativas do movimento nacional-
libertador, dissociar as fileiras dos pa-
triotas e desviar a atenção públi-
ca do verdadeiro inimigo. Os im-
perialistas apelam à "solidariedade
de classe", procurando recrutar
como seus aliados e unir sob sua
direção todas as classes e camadas
abatidas nos países libertados.

O imperialismo norte-americano é
o principal baluarte do colonialis-
mo contemporâneo, que realiza sua
expansão colonial na América Lati-
na, Ásia e África substituindo os
antigos senhores coloniais. Nos pri-
mários Estados Unidos os racistas pra-
ticam a vergonhosa discriminação
racial e descarregam a repressão so-
bre a população negra erguida à jus-
ta luta pela liberdade e pelos direi-
tos elementares do homem.

Também representa uma séria
ameaça para os países libertados a
expansão colonial dos imperialistas
de outros países e especialmente dos
monopólios da Alemanha Ocidental
e do Japão. Os mesmos consórcios
que amamentaram a peste parda do

consequente a política dos imperia-
listas ajudam os povos a identifi-
car os métodos e procedimentos do
neocolonialismo. Pronunciam-se re-
solutamente contra a intervenção
dos imperialistas nos assuntos dos
povos de qualquer país que se lan-
ça à luta de libertação contra a ex-
portação imperialista da contra-re-
volução.

7. PERGUNTA — Não há contra-
dição entre a política de coexistên-
cia pacífica e a luta de libertação
nacional?

RESPOSTA — Acho que não só a
vida, como também a experiência do
movimento nacional libertador já
deu uma resposta convincente a esta
pergunta. É um fato que os povos
consequiram os maiores êxitos na
luta pela independência política no
período de após-guerra, quer dizer,
durante um período que, em seu
conjunto, transcorreu sob o signo da
coexistência pacífica dos países com
regimes sociais distintos. Precisa-
mente nessa época demoliu-se o sis-
tema colonial mundial, e o imperia-
lismo, imobilizado pelo poderio da
comunidade de Estados socialistas,
viu-se impossibilitado de lançar suas
principais forças militares contra os
povos que se haviam levantado na
luta de libertação. Poderia referir-
me, neste aspecto, a uma conheci-
da expressão do insigne lutador con-
tra o colonialismo, o dr. Kwame
Nkrumah, que disse: "Se não fosse
a União Soviética, o movimento de
libertação do Jugo colonial na Afri-
ca teria sofrido toda a força de
um esmagamento cruel e brutal."

Nas condições da coexistência pa-
cífica dos países com regimes so-
ciais diferentes surgiram no mapa
político do mundo mais de cinquenta
Estados nacionais. As chamas da vi-
toriosa luta de libertação nacional
propagaram-se ao hemisfério oc-
cidental com o triunfo da gloriosa re-
volução cubana.

Do ponto de vista marxista, isso
nada tem de surpreendente, é total-
mente lógico. O princípio da coexis-
tência pacífica dos países com di-
ferentes regimes sociais, se for com-
preendido de uma maneira leninista,
não significa, de modo algum, concilia-
ção com o imperialismo, amorteci-
mento da luta revolucionária, capi-
tulação do movimento de liber-
tação nacional. Este princípio leva
em conta as relações entre os Esta-
dos com diferentes regimes políti-
cos e sociais. Estabelece a coexis-
tência desses Estados sem guerras
nem ingerência nos assuntos inter-
nos de outros países, a manuten-
ção e o fomento das relações diplo-
máticas, econômicas e em outros
planos, normais entre os Estados.
Evidentemente, isso não significa
que, nas condições da coexistência
pacífica, cesse a luta entre os Esta-
dos de diferentes regimes sociais.
Pelo contrário, a coexistência
pacífica pressupõe a luta econômica
sob a forma de emulação econômica
— chamada na linguagem dos capi-
talistas de competição —, política
e luta ideológica. Pressupõe ações
enérgicas dos países socialistas, de
todas as forças progressistas e pa-
cíficas, encaminhadas contra os pro-
jetos agressivos e colonialistas do
imperialismo. Mas, repito, é uma lu-
ta que se deve desenvolver em con-
dições de paz, em condições de não
intervenção na vida interna dos Es-
tados coexistentes.

Outra coisa é a luta de classes
contra o capital, é a luta de liber-
tação nacional. Estas são questões
internas de cada povo, que ele mesmo
soluciona. Certamente, existem polí-
ticos burgueses e até homens públi-
cos que se dizem socialistas, que
gostariam que a coexistência pací-
fica fosse estendida também a esta
esfera. Essas pessoas desejam debilitar
a luta de libertação dos povos
contra os imperialistas e os coloni-
zadores, assim como a luta de classe
dos trabalhadores contra o capitalis-
mo. Nós, os marxistas-leninistas, sa-
bemos, no entanto, que se numa so-
ciedade existem a opressão e a ex-
ploração, não cessará a luta contra
esses fenômenos. Sabemos que en-
quanto existir opressão nacional e
colonial, a luta de libertação nacional
proseguirá. E estamos inteira-
mente a favor desta luta. Nenhum
marxista-leninista jamais entendeu
a coexistência pacífica entre países
de distintos regimes sociais como a
manutenção do *status quo*, como
uma espécie de armistício com o im-
perialismo, como um "título de se-
guro" contra os processos revolucio-
nários de libertação nacional e so-
cial. Ninguém tornou extensivo esse
princípio às relações entre o im-
perialismo e os povos oprimidos, visto
que o princípio da coexistência pa-
cífica não opõe, em hipótese alguma,
"veto" à luta desses povos, pelo con-
trário, os marxistas-leninistas consi-

deravam e consideram que admeta
erguendo-se em luta decidida con-
tra seus opressores, com armas na
mão, se for preciso, os povos oprimi-
dos podem conquistar a liberdade.

Por isso, sempre estivemos e esta-
remos contra a coexistência pací-
fica entre os exploradores e os explo-
rados, entre os opressores e os oprimi-
dos. Por isso, nos pronunciamos
a favor da coexistência pacífica en-
tre os Estados socialistas e capita-
listas e, ao mesmo tempo, apoiamos
o quanto podemos os povos que man-
têm lutas de libertação nacional.

Como se vê, não há a menor con-
tração entre a política leninista
da coexistência pacífica dos países
de regimes sociais distintos e a luta
de libertação nacional. Atribuir ou-
tro sentido ao princípio da coexis-
tência pacífica significa tergiversar
este princípio leninista, tergiversar
nossa posição. Combatemos resoluta-
mente tais tergiversações.

São da mesma maneira infunda-
das as tentativas de apresentar a
luta pelo desarmamento como o de-
sejo de desarmar os povos que se
erguem em luta contra o imperialis-
mo. Está claro que o desarmamen-
to afeta principalmente os arsenais
das grandes potências, que concen-
traram em suas mãos a massa fun-
damental dos armamentos. Os po-
vos das colônias e dos países libera-
dos somente sairão ganhando com
o "desmonte" da máquina bélica do
imperialismo e com o desmantelam-
ento das bases militares dos im-
perialistas em seus territórios. No
final das contas, o desarmamento
fortalecerá a segurança e a inde-
pendência dos jovens Estados na-
cionais. Se se conseguisse pôr fim
à corrida armamentista, isso pro-
porcionaria imediatamente aos jo-
vens Estados nacionais grandes som-
as dedicadas às necessidades do
desenvolvimento econômico e cul-
tural. De sua parte, os Estados so-
cialistas obteriam a possibilidade de
ampliar substancialmente a ajuda
econômica e técnico-científica aos
países da África, Ásia e América La-
tina. Mas enquanto os imperialistas
se negarem a desarmar-se os países
libertados agem acertadamente ao
fortalecer sua capacidade defensiva.
A situação de tensão internacional
e a preparação de uma nova guerra
por parte dos imperialistas impe-
dem os jovens Estados nacionais de
concentrar seus esforços na solução
de suas tarefas primordiais. Apro-
veitando a atmosfera viciada da
guerra fria, os imperialistas procura-
ram incorporar os países libertados
em blocos militares, criar bases mili-
tares em seus territórios e impor a
esses países a participação na corri-
da armamentista. Do que foi dito,
vê-se que a política de coexistência
pacífica dos Estados com diferentes
regimes sociais e a luta pelo de-
armamento são uma causa vital aos
povos dos países da África, Ásia e
América Latina. Também corres-
ponde inteiramente a seus interes-
ses o Tratado de Moscou sobre a
proibição parcial dos ensaios nu-
cleares, que é o primeiro passo, mas
um passo importante, no caminho
certo. A maioria dos Estados nacio-
nais aderiu ao tratado, manifesta-
ndo desse modo prudência esta-
tal e solicitude pelos destinos da
paz. São necessários novos esforços
neste caminho. Apoiamos inteira-
mente os Estados africanos que pro-
puseram transformar a África nu-
ma zona desatomizada. Apoiamos re-
solutamente sua luta contra as ex-
periências nucleares no Saara, rea-
lizadas pelos imperialistas franceses.
Todos os passos realizados para al-
viar a tensão internacional e refor-
çar a paz encontrarão de nossa par-
te plena compreensão e apoio.

8. PERGUNTA — Poderia expli-
car uma vez mais sua posição ante
o problema das formas pacíficas e
das formas armadas da luta dos po-
vos contra os colonizadores?

RESPOSTA — Nosso Partido ex-
pôs reiteradamente sua posição so-
bre este assunto, porém eu o farei
uma vez mais com todo o prazer.
Antes de mais nada, gostaria de co-
meçar dizendo que não existe uma
receita universal válida para todos
os países e povos. A aplicação de
uma ou outra forma de luta depen-
de das condições concretas e, em
primeiro lugar, da força de resis-
tência dos colonizadores e seus acó-
litos. É notório que alguns povos
aguiilhados pelo imperialismo con-
quistaram a independência com as
armas. Eram guerras sagradas, que
nós sempre apoiamos e apoiaremos.
Outros alcançaram a independência
por meios pacíficos. Consideramos
como lógicas e convenientes tanto a
primeira como a segunda forma,
quando levam a libertação nacio-
nal.

A Guiné, por exemplo, não se li-
vrou do Jugo colonial por meio da



A luta pela libertação nacional dos povos oprimidos comove o mundo inteiro. De toda parte surgem manifestações de apoio — moral e material — aos que estão em luta para apagar a mancha do colonialismo. É o que vemos na foto, que mostra uma demonstração de argelinos a favor da luta armada do povo angolano contra os carrascos portugueses.

ses da opressão imperialista,
patriotas e lutadores; por
o regime social, pelo pro-
social.

PERGUNTA — Em que consis-
ta o perigo dos no-
vos métodos e formas da política co-
existencial?

RESPOSTA — A liquidação dos re-
gimes coloniais não significa ainda
liquidação do colonialismo. Na
dos países libertados, os im-
perialistas mantêm po-
sicionantes na economia e
uma exploração brutal dos
povos, extraem gigantescos
aproximadamente cinco bi-
lhões anuais, segundo cál-
culos econômicos. As potências
continuum sugando os
econômica e atrasadas da
África e América Latina, inclu-
sive do intercâmbio desigual,
traz-lhes por preços caros as
indústrias e compram
preços baixos as matérias-
primas e agrícolas, os mo-
dernos "ganham" somas astronô-
micas de 14/16 bilhões de dó-
lares. Em muitas de suas an-
exões, os imperialistas con-
têm uma forte influência po-

trial. Os monopólios imperialistas
penetram intensamente neesses paí-
ses, envolvem com as telas da "as-
sociação", naturalmente desigual, o
capital nativo e o submetem ao seu
jugo. Opõem-se por todos os meios
à criação do setor estatal, capas de
ser um eficiente instrumento do de-
senvolvimento democrático indepen-
dente.

Os imperialistas, obstinadamente,
procuram guindar ao Poder os seus
testas-de-ferro, envolver os países
libertados nos blocos agressivos do
tipo BRATO e CENTO, em alian-
ças regionais reacionárias como a
OEA e conservar suas bases milita-
res nos territórios desses países.
Não regateiam esforços para solapar
a solidariedade das forças antim-
perialistas e cindir a frente única
dos patriotas. Provocam-se discor-
dias entre os países libertados, ati-
cam-se as contradições entre as tri-
bos e entre as nações, fomenta-se a
rivalidade entre os líderes políticos,
etc.

Os neocolonialistas encobrem sua
cruzada contra a liberdade dos po-
vos da Ásia, África e América La-
tina com uma falsa defesa frente à
influência da União Soviética, com
o estandarte negro do anticomunis-
mo. Agitando este estandarte, pro-

hitlerismo procuram apoderar-se ho-
je das riquezas da Ásia, África e
América Latina.

O perigo dos novos métodos e for-
mas do colonialismo está, acima de
tudo, no seu mascaramento. Antes
era fácil distinguir o inimigo. Atua-
va abertamente, seu aspecto era o
do presunçoso funcionário colonial,
do capataz com o chicote e do sol-
dado estrangeiro com o fuzil. Hoje
se oculta atrás da máscara do espe-
cialista em questões de "ajuda",
de respeitável negociante, de conse-
lheiro econômico ou militar, de jo-
vem do "Corpo da Paz" e de emi-
sário do Fundo Monetário Interna-
cional. Isso, naturalmente, torna
mais complexa a luta contra o ne-
ocolonialismo.

Mas os imperialistas enganam-se
profundamente se pensam que con-
seguirão enganar os povos. Porque
o desenvolvimento da luta antim-
perialista conduziu a uma enorme
capacitação política das massas, ele-
vou sua vigilância com relação às
maquinações dos colonizadores e
fortaleceu sua decisão de marchar
pelo caminho da independência na-
cional e do progresso.

O Partido Comunista da União So-
viética e demais partidos marxista-
leninistas desmascaram de modo

luta armada. O movimento de massas do povo guineense contra os opressores estrangeiros durante vários anos sotapou os estímulos do regime colonial e criou uma situação por meio da qual a Guiné pôde conseguir a independência sem sublevar-se rechaçando a "comunidade francesa" que pretendiam impor-lhe. O povo guineense consolidou sua independência com a ajuda de outros povos amantes da liberdade.

Na Argélia a situação foi outra. O povo argelino expulsou os colonizadores franceses no curso de uma sangrenta luta armada de muitos anos. Seu heroísmo granjeou a admiração e o respeito de todos os povos amantes da liberdade. Sempre teve a seu lado a simpatia e o pleno apoio dos soviéticos, e não era de modo algum um apoio platônico. A URSS proporcionou gratuitamente muitos armamentos aos patriotas argelinos. Prestamos uma séria ajuda aos povos da Indonésia, do Iemen e de outros países na sua luta armada. Demos o apoio de todo o nosso poderio quando o povo egípcio se encontrou diante da necessidade de responder com as armas à agressão imperialista. A União Soviética e demais países socialistas ajudam ativamente os jovens Estados nacionais a fortalecer sua defesa, a formar e a instruir as forças armadas que protegem a independência conquistada diante das armadilhas dos imperialistas. Nós marxistas-leninistas sustentamos firmemente a posição leninista de princípio; consideramos que se os povos empunham as armas e derramam seu sangue, não o fazem de bom grado. Obrigamos a isso a violência dos colonizadores e, quando um povo se vê obrigado a lançar-se à luta armada, o dever de todos os internacionalistas é prestar-lhe o máximo apoio e ajuda. Essa é nossa posição a respeito da luta armada dos povos pela libertação nacional.

Ao mesmo tempo, toda pessoa que tenha o senso da realidade verá forçosamente que, atualmente, para a imensa maioria dos povos da Ásia, África e América Latina, que criaram seus Estados nacionais, a tarefa não consiste somente em defender seu país da agressão de uma ou outra potência imperialista, senão também alcançar a independência econômica, fomentar a economia, elevar o nível de vida dos povos e desenvolver a democracia. Ninguém acreditará que a solução dos problemas do ressurgimento nacional dos países libertados pode ser resolvido hoje no campo de batalha. Para os países que já conseguiram independência nacional, a essência do problema consiste em reformar a estrutura econômica e social, elevar o nível de vida das massas populares, liquidar a prepotência econômica dos exploradores estrangeiros e destruir as posições políticas de seus aliados internos. O centro de gravidade desta luta — luta que pelo seu caráter é indubitavelmente antiimperialista — se encontra em levar até ao fim a revolução nacional-libertadora, anti-feudal e democrática.

9. PERGUNTA — Os imperialistas procuram por todos os meios impedir o desenvolvimento das relações entre os Estados socialistas e os países libertados. Como encara estas relações mútuas e quais são, segundo pensa, suas perspectivas?

RESPOSTA — De fato, os imperialistas pagariam um preço elevado em troca do isolamento da comunidade socialista face aos países libertados. Gostariam de ficar a sós com esses países, pois nesse caso lhes seria muito mais fácil realizar a política de imposição e levar à prática seus desígnios neocolonialistas. Mas, como se costuma dizer, a vaca tocada por Deus não tem chifres. Os imperialistas são impotentes para impedir que se amplie a colaboração entre os jovens Estados nacionais e o mundo socialista. No que se refere a nós, alegra-nos que se fortaleça esta colaboração, e vemos nela uma das leis do desenvolvimento das relações internacionais contemporâneas.

A história conhece muitas alianças entre nações, assentadas numa coincidência temporária de interesses, em combinações diplomáticas casuais. Passava o tempo e tais alianças se desfaziam, eram relegadas ao esquecimento. Mas as relações da comunidade socialista com os jovens Estados nacionais e com o movimento de libertação nacional estão assentadas numa base diferente. Apóiam-se na comunidade de interesses básicos.

Em que consiste essa comunidade?

Temos um inimigo comum: o imperialismo; um objetivo comum: acabar para sempre com a opressão colonial e imperialista, estabelecer uma paz duradoura e a colaboração em igualdade de direitos entre os povos, assegurar às massas populares uma vida livre e feliz.

A União Soviética e demais Estados socialistas, em suas relações com os países libertados, não têm em vista objetivos contrários aos interesses dos povos destes países. Não buscamos nenhuma vantagem para nós. Não temos nem queremos nenhuma base militar nos territórios dos países libertados. Diferentemente dos imperialistas, não aspiramos a envolver estes países em blocos militares. Aos Estados socialistas, devido à natureza mesma de seu regime social, é estranho e desejado o subjugamento e a exploração dos povos.

Os ideais do socialismo exigem a liquidação total do colonialismo, a eliminação das relações internacionais, de toda desigualdade, a concessão

geopolíticas e até raciais. A propagação das concepções racistas no movimento nacional-libertador faria apenas o jogo do imperialismo e da reação interna nos países libertados.

Mas estamos certos de que todas estas tentativas fracassarão ante o amadurecimento político dos povos da Ásia, África e América Latina e serão liquidadas.

10. PERGUNTA — Como considera o significado e as perspectivas da colaboração econômica dos Estados socialistas com os países libertados?

RESPOSTA — A principal importância da colaboração econômica dos Estados socialistas com os países libertados consiste, a meu ver, em que ajuda os povos destes países a lançar os alicerces da economia nacional e conseguir a independência econômica.

Atualmente, nos países da Ásia, África e América Latina, constroem-

lançar as bases da indústria moderna, a criar um forte setor estatal, instrumentos seguros na luta contra a prepotência das monopólios estrangeiros. O que inspira os soviéticos são as palavras do grande Lênin, que nos deu por legado — prestar ajuda aos povos em luta contra o jugo colonial.

Nossa colaboração econômica não é somente uma ajuda direta; é, além disto, uma imensa ajuda indireta aos países libertados que fortalece suas posições nas relações com as potências imperialistas. As potências imperialistas, que perderam o monopólio dos empréstimos e créditos, da produção de equipamentos e dos conhecimentos técnicos, não podem impor, como antes, o "ditado" econômico aos países subdesenvolvidos. O apoio dos Estados socialistas permite a estes países opor-se à chantagem dos consórcios internacionais, obriga os imperialistas — que algumas vezes dão com a língua nos dentes e o confessam —



Os povos subjugados se libertam pela força quando os senhores colonialistas insistem em manter seus privilégios. Quando as armas do povo são insuficientes, e que sempre acontece no início, os patriotas tomam as que o inimigo usava para oprimir e usam-nas para libertar-se. A foto é da Argélia.

são a todos os povos da possibilidade de ser os senhores em sua própria casa. Por isso, cada passo adiante pelo caminho do fortalecimento da independência política e econômica dos jovens Estados nacionais, pelo caminho da coesão do movimento nacional-libertador com o mundo socialista, atende também a nossos interesses, e nós os consideramos como uma contribuição real à luta contra o imperialismo.

Tudo isto me dá fundamento para declarar com segurança que as relações entre os povos dos países socialistas e os povos elevados a uma vida independente têm um grande porvir. De nossa parte, faremos tudo o que for necessário para que estas relações se desenvolvam de maneira feliz, sejam cada dia mais estreitas e múltiplas. Os povos libertados sempre tiveram e terão nos povos da União Soviética fiéis amigos e irmãos.

É preciso zelar, através de todos os meios, por nossa amizade, dar uma decidida réplica aos imperialistas que tentam miná-la e lutar também contra qualquer tentativa de isolar dos povos da União Soviética e demais países socialistas, assim como da classe operária internacional, o movimento nacional-libertador; é preciso desmascarar o que há de pernicioso na ansia de solidariedade dos povos que lutam por sua libertação com palavras de ordem

se, com a ajuda da União Soviética, cerca de 500 empresas industriais e outras obras. A soma total dos créditos soviéticos e de outras dotações para as necessidades do desenvolvimento econômico dos países libertados ascende a quase três bilhões de rubros novos. Foram construídas ou se constroem mais de 400 empresas industriais e outras obras com a ajuda da Tchecoslováquia, RDA, Polónia, Bulgária, România e Hungria. A República Popular Chinesa também presta ajuda econômica aos países libertados.

Mas seria errôneo determinar o verdadeiro significado da ajuda dos Estados socialistas partindo unicamente destas cifras e não de seu caráter e objetivos, de seu papel na luta dos povos pela emancipação econômica.

Os imperialistas, como se sabe, falam muito do seu desejo de ajudar os países libertados. Mas, que ajuda é essa? Na realidade, é um veículo de avassalamento e exploração dos países economicamente atrasados e abre caminho para o capital estrangeiro. Ademais, esta "ajuda" significa, em essência, reinvestir nestes mesmos países uma pequena parte dos capitais saqueados pelos monopólios.

A ajuda dos Estados socialistas tem objetivos completamente distintos. Queremos ajudar sinceramente estes países a pôr-se de pé, a conseguir a emancipação econômica, a

a fazer concessões. Como mostra o fracasso dos planos de bloqueio econômico de Cuba, Egito, Guiné e outros países, os imperialistas são já impotentes para sufocar economicamente os países libertados, que defendem sua independência e sua liberdade nacional. O significado histórico de tudo isto é evidente. Por sua vez, os países libertados apoiam a União Soviética e demais países socialistas, fornecendo-lhes mercados úteis, atuando em frente única conosco contra o imperialismo e a política por este seguida de imposição e discriminação nas relações econômicas internacionais, etc.

Abrigo firme certeza de que a colaboração econômica entre os Estados socialistas e os países libertados continuará ampliando-se ininterruptamente. A economia socialista se desenvolve num ritmo colossal e isso significa que nossas possibilidades de colaboração econômica com estes países crescerão sem cessar. Os êxitos do desenvolvimento econômico dos países libertados, por seu lado, fortalecem a base desta colaboração.

11. PERGUNTA — Como avalia o papel dos jovens Estados nacionais na política internacional de nossos dias e na luta pela paz?

RESPOSTA — Aqui, a meu ver, não podem existir discrepâncias. O triunfo das revoluções de libertação

nacional conduziu a profundas mudanças nas relações internacionais. Há vinte ou vinte e cinco anos, os colonizadores mantinham os povos escravizados, em essência, à margem da política mundial. Nas conferências internacionais, os opressores falavam em nome destes povos. Hoje, porém, os jovens Estados nacionais converteram-se numa grande força na arena internacional. Inclusive aqueles a quem isto não agrada em nada — os políticos imperialistas — não têm outro remédio senão reconhecer que, sem a participação destes Estados, hoje não podem ser resolvidos os problemas-chave internacionais.

Na imensa maioria dos casos, os jovens Estados nacionais desempenham um papel progressista nos assuntos internacionais. Pronunciam-se contra o colonialismo, contra a política imperialista de preparação da guerra e de corrida armamentista, pela consolidação da paz e a colaboração entre os povos. Em sua maioria, rejeitam a chantagem dos imperialistas e se negam a ingressar em seus blocos militares, a conceder-lhes seus territórios e seus recursos humanos e materiais e escolheram o neutralismo.

Veja-se que mudanças tão prodigiosas se produziram, por exemplo, na ONU. Desde a fundação da ONU, o número de seus membros duplicou fundamentalmente graças aos novos Estados da Ásia e da África.

Estou convencido de que não só o número de jovens Estados nacionais, mas também seu papel internacional continuará crescendo. Nós, os soviéticos, vemos nisso um grande progresso não só para os próprios povos dos países libertados, mas também para toda a humanidade, e aplaudimos este desenvolvimento dos acontecimentos. Não obstante, daquele a quem muito se dá, muito se exige. A possibilidade de influir ativamente na solução dos problemas fundamentais da vida internacional impõe aos jovens Estados nacionais também uma séria responsabilidade pelos destinos da paz e da segurança geral. Cada jovem Estado nacional é capaz de dar sua contribuição à luta pelo desarmamento, pela criação de zonas desnuclearizadas, pelo decidido saneamento da situação internacional e pela cessação da guerra fria. Unindo seus esforços com os de outros Estados dedicados à paz, os países libertados podem desempenhar um papel decisivo na solução do problema central de nosso tempo: impedir a guerra. E não devido ao que os jovens Estados nacionais podem fazer, mas devido ao que não podem fazer: impedir a guerra. A responsabilidade que a história lhes deposita e de que se libertando lidam se com forças para lutar contra o perigo de guerra, estão em pleno teste da paz.

Os povos dos países libertados compreendem cada vez mais que, sem a firme aliança com os povos dos países socialistas, com o proletariado mundial, e movimento nacional-libertador não teria podido conquistar suas magníficas vitórias. Esta aliança é vitalmente necessária também para consolidar a independência conquistada, para o êxito da luta pela emancipação econômica. No fortalecimento desta aliança, para que seja cada vez mais profunda e profundamente interessada tanto os povos que lutam pela libertação nacional como os povos dos países socialistas e a classe operária do mundo inteiro. Esta aliança está destinada a exercer um histórico papel para impedir uma nova guerra, na luta pelo progresso social e pela liberdade nacional, pela felicidade da espécie humana.

Nosso povo é adversário intransigente de qualquer escravidão e exploração, é internacionalista convicto. Jamais "importamos" nem "exportamos" a revolução, mas sempre damos e continuaremos dando o máximo apoio aos povos que se erguem na sagrada luta contra o imperialismo. A aliança com as forças de libertação nacional era e é uma das pedras angulares de nossa política. Isto se diz também com toda a clareza no novo Programa de nosso Partido. Continuaremos aplicando inalteravelmente esta política.

Nossas corações estão sempre com os que se batem pela liberdade. Desejamos calorosamente aos povos da Ásia, África e América Latina a vitória total em sua corajosa luta contra o imperialismo, o colonialismo e o neocolonialismo, pela libertação nacional e o progresso social. E apoiamos por todos os meios sua luta, apoiá-la-emos, como sempre, moral, política e materialmente. Nós, os soviéticos, consideramos como irmãos os combatentes pela libertação nacional e pelo progresso social, e lhes desejamos novos êxitos.

Cenas como esta, em que vemos patriotas da África do Sul tombados depois de serem caçados como animais por forças colonialistas, estão pouco a pouco se tornando menos comuns. Não que os colonialistas estejam se tornando menos ferozes; mas agora a luta anticolonialista adquiriu tal impulso que em breve os últimos vestígios desse hediondo sistema terão desaparecido.



[REDACTED]

De importância inestimável para a luta de libertação nacional que desenvolvem os povos ainda subjulgados pelas cadeias colonialistas é o apoio dedicado pela União Soviética e demais países socialistas. Esse apoio é uma realidade em todos os níveis. O campo socialista não se limita às importantes gestões internacionais em favor dos povos em luta. A ajuda multilateral da URSS é um fator decisivo para a vitória dos povos que lutam por sua libertação. A foto mostra o primeiro-ministro soviético Kruchiov quando assinava convênios com representantes do governo do Senegal.

[REDACTED]

